

ALIMENTAÇÃO *animal*

PERSPETIVAS PARA
2026

TEMPOS DE RESILIÊNCIA





RAÇÕES
VALOURO S.A.

ALIMENTAR HOJE, GARANTIR O AMANHÃ



Matérias-primas
seguras
e utilização
eficiente
de recursos.



Formulações
equilibradas
para cada fase
de vida do animal.



Alimentos que
promovem
o **desempenho**
e **produtividade**.

Inovação que Alimenta Gerações

NUTRIÇÃO EQUILIBRADA • QUALIDADE CERTIFICADA • CONFIANÇA PRODUTOR

Combinamos ciência, inovação e sustentabilidade para produzir
alimentos dos animais.



Sede:
Casais do Araújo
2530-338 Marteleira
TLF: +351 261 910 100
e-mail:
geral@valouro.pt

Fábrica 1:
E.N. 8 – Av. República
nº 45
2530-342 Marteleira
TLF: +351 261 416 150
e-mail:
marteleira@valouro.pt

Fábrica 2
Serviços Administrativos:
R. Mártir S. Sebastião nº 54
2565-643 Ramalhal
TLF: +351 261 910 100
e-mail:
encomendas@valouro.pt

Entrepasto
Comercial Mealhada:
Zona Industrial do Canedo
3050-401 Pampilhosa
TLF: +351 231 202 737
e-mail:
mealhada@valouro.pt



LIDERAR A INDÚSTRIA DE ALIMENTOS COMPOSTOS PARA ANIMAIS EM 2026-2027



António Santana
Diretor da IACA

A indústria de alimentos compostos para animais entra em 2026 num momento decisivo. Depois de anos marcados por choques sucessivos – pandemia, guerras, inflação, disrupções logísticas e instabilidade energética – tornou-se claro que a volatilidade deixou de ser exceção para se tornar estrutural. O verdadeiro desafio para 2026 não será atravessar mais um ciclo de preços, mas liderar num ambiente onde a previsibilidade é limitada e o erro custa caro.

À primeira vista, o contexto de matérias-primas parecia mais favorável. A previsão de crescimento global da produção de soja, milho e outros cereais apontavam para uma maior disponibilidade e, potencialmente, para uma redução da pressão sobre os custos de formulação. No entanto, esta leitura é incompleta. Hoje, os custos reais dos alimentos compostos já não são determinados apenas pela produção agrícola, mas por um conjunto complexo de fatores externos; movimentos cambiais, fretes, energia, decisões políticas e tensões geopolíticas. Num mercado global fragmentado, a pergunta deixou de ser “quanto custa a matéria-prima?” para passar a ser “quão rápido conseguimos antecipar o próximo choque?”

As Guerras no médio Oriente, os impactos que daí resultarão e que neste momento se começam a sentir, os novos acordos comerciais da União Europeia com o Mercosul e com a Índia, as abordagens do Reino Unido à China e o reposicionamento estratégico dos Estados Unidos, redesenham os fluxos globais de comércio agrícola. Para a indústria europeia – e portuguesa em particular – estes movimentos representam oportunidades de acesso a origens mais competitivas, mas também maior exposição à volatilidade e incerteza regulatória. O comércio internacional tornou-se mais político, menos linear e mais imprevisível. Ignorar este facto é um risco estratégico.

No plano sanitário, a mensagem é igualmente clara. A peste suína africana continua a ser o maior fator de risco para o equilíbrio do mercado ibérico, com impacto direto na procura de alimentos compostos para animais, no mix de produção e na estabilidade do setor. A gripe aviária, por sua vez, já não pode ser encarada como um evento excepcional; é uma variável recorrente, que obriga a repensar biossegurança, planeamento e gestão de risco. Em 2026 e 2027, o crescimento do setor será inevitavelmente desigual entre espécies e altamente sensível a estes fatores.

Outro fator que não pode ser esquecido é o relacionado com as alterações climáticas. O último exemplo é o sofrido em Portugal com a passagem da tempestade Kristin que afetou muito significativamente a zona centro do país. O setor agroalimentar sofreu fortes prejuízos e muitos produtores e industriais vão necessitar de tempo, apoios financeiros e outros para se recuperarem.

Perante estes cenários, a liderança industrial enfrenta uma escolha. Continuar a gerir com os instrumentos do passado – histórico, intuição, reação – ou aceitar que o contexto atual exige uma mudança estrutural na forma de decidir. É aqui que a tecnologia e a inteligência artificial deixam de ser um tema operacional para se tornarem um tema de governação e estratégia.

A utilização de modelos preditivos, analítica avançada e inteligência artificial permite hoje antecipar movimentos de mercado, simular cenários de risco e testar decisões antes de estas serem impostas pela realidade. Não se trata de eliminar o risco, mas de o gerir de forma consciente e informada. Um CEO que continue a aceitar decisões críticas de compras, pricing e planeamento sem suporte sistemático de dados está, objetivamente, a expor a empresa a vulnerabilidades evitáveis.

A transformação tecnológica estende-se também ao mercado. O produtor pecuário está mais pressionado, mais exigente e menos tolerante a ineficiências. Exige soluções, previsibilidade e retorno económico mensurável. A integração de dados e inteligência artificial no serviço técnico permitirá transformar a relação comercial passando de fornecedor de alimentos a parceiro de desempenho produtivo. Esta mudança não acontece por iniciativa isolada; começa no topo.

Há ainda uma consequência inevitável, a tecnologia vai ampliar o fosso entre líderes e seguidores. Empresas com visão estratégica, dados estruturados e capacidade de investimento ganharão eficiência, libertarão capital e consolidarão posições. As restantes ficarão presas numa competição baseada em preço, com margens cada vez mais comprimidas e menor capacidade de adaptação.

Em 2026 e 2027, a indústria de alimentos compostos para animais não será avaliada pela sua capacidade produtiva, mas pela qualidade das suas decisões. Inovar deixará de ser uma opção e passará a ser um critério de sobrevivência. A diferença entre as empresas que atravessarão este ciclo com confiança e as que ficarão para trás não será tecnológica. Será, acima de tudo, uma diferença de liderança.

ÍNDICE

03	EDITORIAL
04	TEMA DE CAPA
06	PERSPETIVAS 2026
22	ENTREVISTA
26	LIVING LAB
30	HUBRAM
34	FEEDVALUE
38	INVESTIGAÇÃO
44	FEEDINOV
50	OPINIÃO
52	SPMA
54	NOTÍCIAS
58	AGENDA



TEMPOS DE RESILIÊNCIA

Como é habitual na primeira edição anual da Revista “Alimentação Animal”, abordamos as Perspetivas para esse ano, propondo a um conjunto de personalidades de referência no panorama agroalimentar nacional que nos apresentem a sua visão e expectativas para cada setor.

Para 2026, seguimos naturalmente a mesma metodologia, mas alguns dos textos, porque enviados anteriormente, não refletem a devastação que sofremos no dia 28 de janeiro. E se as perspetivas já não eram muito animadoras para o novo ano, com a quebra de preços nos suínos, na sequência da peste suína africana em Espanha e as consequentes restrições às exportações, ou no leite, com as anunciadas reduções de preços na produção devido ao excesso de oferta nos mercados europeus e mundial, de repente, tudo se tornou ainda mais sombrio.

Provavelmente irá haver o antes e depois da tempestade “Kristin” e dos fenómenos climáticos extremos que assolaram Portugal, expondo algumas das nossas fragilidades, mas também o planeamento e desenvolvimento, as construções, a ligação entre as diferentes entidades para mitigar os impactos destas catástrofes, repensar o modelo da proteção civil e de emergência. No entanto, nenhum país estará preparado para o que aconteceu naquela fatídica madrugada e os dias que se lhe seguiram, com chuvas contínuas durante todo o mês de fevereiro.

Existem certamente lições a retirar e toda a reconstrução que (ainda) urge fazer – e essa deve ser uma prioridade – deve ter em conta o que correu menos bem e prepararmo-nos para fenómenos que, já o sabemos perante as alterações climáticas, serão cada vez mais frequentes e extremos, variando entre chuvas abundantes e situações de seca.

Também por isso, ou por causa disso, os seguros, as reservas de crise, a Água que Une, a simplificação, desburocratizar e agilizar os licenciamentos, entre tantos outros,

são tão importantes, mas também os geradores, o tipo de construções, os stocks de emergência, que deverão estar contemplados no PTRR – Portugal Transformação, Recuperação e Resiliência, que esteve em consulta pública durante o mês de março e no qual participámos, que vai muito para além desta legislatura.

No entanto, se a ambição, correta, é a de transformar e ter uma visão de médio e longo prazo, importa, para já, cuidar das explorações agrícolas e pecuárias e das empresas que foram seriamente afetadas. São necessárias medidas de liquidez para que as pequenas e médias empresas possam regressar rapidamente ao mercado.

Os decisores têm de ter a noção de que existe uma elevada interdependência setorial que impacta toda a cadeia de valor, e que a recuperação e a reposição do potencial produtivo, podem ser mais longas que o previsto, pelo que importa apoiar as empresas neste processo, para que não sejamos ainda mais dependentes das importações e mais vulneráveis às ameaças externas.

Com danos avaliados na ordem dos 5 mil milhões de euros no quadro da devastação que nos assolou, os instrumentos de financiamento que temos à nossa disposição (Orçamento de Estado, PRR, Portugal 2030, Fundo Ambiental, PEPAC...) serão certamente insuficientes, sendo urgente definir prioridades, que têm de passar pela importância estratégica do agroalimentar e pela Agricultura e Alimentação como Defesa e Segurança.

Ainda mal refeitos deste drama, eis que um mês depois, em 28 de fevereiro, somos confrontados com a guerra no Irão, cujas consequências se irão fazer sentir ao longo de todo este ano.

Os mercados internacionais vivem um período de grande volatilidade, influenciados pelos fatores geopolíticos e energéticos, decorrentes do bloqueio do Estreito de Ormuz e dos ataques a infraestruturas.

Os preços do petróleo ultrapassaram os 119 dólares, os custos dos combustíveis e energia têm agravamentos sucessivos, impactando naturalmente os seguros, fretes, toda a logística e os preços das principais matérias-primas. Para além dos fertilizantes, temos igualmente os aditivos, que não são menos críticos para a alimentação humana e animal, assistindo-se já a constrangimentos no fornecimento, com quebras de contratos por motivos de “força maior”.

Existe ainda uma forte pressão para a produção de biocombustíveis, impactando ainda mais os preços de milho e soja. No essencial, estamos perante preços de matérias-primas em alta e custos de produção dos alimentos compostos sucessivamente agravados, custos esses que a Indústria tem tentado conter, mas que terão de ser repassados para a cadeia alimentar mais tarde ou mais cedo, sobretudo num cenário, que não é de excluir, de prolongamento do conflito por mais algumas semanas.

Tudo isto nos leva à inflação, aos preços da alimentação, ao “controlo de danos”.

Na altura em que escrevemos, vive-se um momento de trégua, mas ainda longe de uma solução diplomática para colocar um ponto final nesta escalada com repercussões à escala global e que coloca em destaque as interdependências da guerra e como a Europa tem de ser mais independente em termos energéticos.

Por outro lado, veremos como vão evoluir as relações transatlânticas, na sequência da reação dos países da União Europeia (e da NATO) aos apelos da Administração Trump para se envolverem no conflito – ainda não foi ratificado o acordo entre a UE e os EUA –, ou, neste contexto de elevada incerteza e turbulência geopolítica, a implementação do EUDR, numa altura em que a FEAC acaba de publicar uma avaliação de impacto muito penalizadora para o setor e para a fileira pecuária, mas que se pode estender às outras *commodities*, para além da soja.

Confrontados com mais “amarras” legislativas, pode estar em causa a competitividade do agroalimentar nacional e euro-

peu e a sua capacidade de afirmação nos mercados globais, quando necessitamos de reforçar a dinâmica de exportação, numa lógica de multilateralismo que nos caracteriza.

Porque desistir não é opção, vale a pena ler não só o Editorial, mas também as reflexões

dos convidados das diferentes organizações, a quem uma vez mais agradecemos.

Os tempos são de incerteza, mas também de desafios e oportunidades.

Tempos de Resiliência!

Jaime Piçarra

Danisco Animal Nutrition



iff

Where science
& creativity meet

Enviva® PRO

OFEREÇA ÀS SUAS AVES A MELHOR PROTEÇÃO INTESTINAL

- Eficácia comprovada: a análise de amostras intestinais mais extensa do mercado;
- Defesa contra diversas agressões sanitárias, graças ao seu largo espectro de ação;
- Acelera o desenvolvimento imunitário, permitindo que os recursos que as aves recebem se dirijam maioritariamente para o crescimento;
- Melhor performance, proporcionando melhor retorno económico.



Contacte o nosso Distribuidor autorizado Reagro SA
Email : inove.tec@reagro.pt

info.animalnutrition@iff.com | animalnutrition.dupont.com

© 2021 by International Flavors & Fragrances Inc. IFF is a Registered Trademark. All Rights Reserved.

2026: MUITAS DIFICULDADES, GRANDE EMPENHO



Álvaro Mendonça e Moura

Presidente da CAP – Confederação dos Agricultores de Portugal

O ano de 2026 está desde já condicionado pelas intempéries que assolaram o nosso país e que afetaram os produtores agrícolas e florestais um pouco por todo o território nacional, mas também vastas áreas comerciais e industriais – particularmente na zona litoral centro – que indiretamente afetam igualmente o setor agroalimentar e a alimentação animal. Esta situação, de uma gravidade sem precedentes em décadas, exige um esforço corajoso e determinado do Estado para apoiar todos os que nas várias regiões foram atingidos por esta situação, muito para além dos locais com maior impacto mediático. Relembro, a propósito, o esforço que todo o país fez na altura da pandemia Covid 19. Foi esse apoio indispensável que evitou a falência de múltiplos sectores, em particular os da restauração e hotelaria, e que, alavancado no turismo, criou as condições para a recuperação que se lhe seguiu e foi aliás mais forte do que em muitos outros países europeus. Também agora é indispensável evitar falências e abandono da atividade, criando condições para que aqueles que já demonstraram saber produzir e muitas vezes também exportar possam retomar as suas atividades. A dimensão da devastação não se compadece nem com meros mecanismos tradicionais de apoio em situações recorrentes de dificuldades nem, parece-me claro, com a utilização de eventuais folgas existentes no atual orçamento para 2026. No momento em que escrevo o Governo anuncia um futuro PTRR, parece-me um bom caminho, por um lado porque é a admissão de que as verbas de apoio europeu a que o Governo apropriadamente recorreu, apesar de importantes, são limitadas e nalguns casos morosas, e, por outro lado e mais importante, precisamente porque reconhece que a recuperação não poderá ser feita apenas com o atual orçamento. Mas teremos de ver se neste caso não se repetem os erros do anterior PRR, que concentrado nas entidades estatais esqueceu a iniciativa privada e por completo deixou de lado a agricultura e as florestas. Deixo ainda uma breve nota para lembrar que nem só com apoios financeiros se podem apoiar aqueles que foram fortemente penalizados pela catástrofe que nos atingiu, será necessário ser criativo e corajoso na modificação de prazos para o cumprimento de compromissos assumidos ou de condicionantes normalmente impostas a algumas candidaturas no domínio agrícola. A ideia aqui é adequar o normativo às realidades do terreno e permitir alguma folga de tesouraria.

O acordo com o Mercosul, já substancialmente falado neste início de ano, constitui uma oportunidade para Portugal que deve ser aproveitada e, para isso, dois pontos se afiguram indispensáveis: uma fortíssima promoção estratégica naqueles mercados, em particular no Brasil, onde existe uma natural apetência pelos produtos agroalimentares portugueses, que não podemos perder em favor da Espanha, para a qual o papel do Estado é fundamental, e uma aplicação rigorosa das cláusulas de salvaguarda, tal como previstas no Acordo e como publicamente assumidas pela Comissão Europeia. Os Governos nacionais têm aqui um papel importante de exigência e controlo sobre a atuação da Comissão Europeia.

Situação substancialmente diferente e que merece a nossa firme oposição é a proposta de orçamento da Política Agrícola Comum apresentada pela Comissão, a qual, a confirmar-se, acabaria com a lógica de financiamento em vigor desde a sua criação e renacionalizaria uma política que tem sido desde há mais de sessenta anos um dos mais sólidos cimentos da União. Para nós, é completamente inaceitável, que se empurrem as responsabilidades de financiamento para os Estados Membros, favorecendo as agriculturas dos países com maiores recursos próprios em detrimento dos agricultores de outros, como Portugal, tal como nos parece inaceitável e contraproducente colocar em competição as verbas comunitárias destinadas à produção agrícola com os fundos da Coesão ou de outras políticas comunitárias. Muito está ainda em aberto e as indicações dadas pela Presidente da Comissão já neste ano vão no sentido de reconhecer a insuficiência da proposta que ela própria apresentou há cerca de seis meses, mas estamos ainda muito longe de qualquer solução minimamente aceitável.

Ainda relativamente ao setor agrícola, a implementação da estratégia “Água Que Une” é hoje um ponto de interrogação e de alguma perplexidade. Apresentada em março, o que foi feito até agora? A ser executada, estaremos perante a maior reforma estrutural do país dos últimos decénios. Até por isso não podemos descurar a vigilância e temos que exigir constantemente a apresentação pública regular da sua implementação. Não tenhamos ilusões, aqueles que sempre se opuseram a uma utilização racional e produtiva da água, que sonham com áreas rurais redu-

zidas a um bucólico local de passeio para cidadãos, não desistirão de levantar todos os obstáculos possíveis à execução desta estratégia, e nalguns casos continuam ainda a ocupar cargos relevantes em organismos do Estado, como aliás, mas paradoxalmente, tem sido dado a entender por responsáveis políticos. 2026 terá de ser também um ano de viragem no funcionamento da máquina administrativa do Estado e em particular do Ministério da Agricultura; tenhamos esperança de que a burocracia, os atrasos, as divergências entre estruturas do mesmo Ministério, deixarão de ser um entrave para a vida de tantos agricultores e produtores florestais. Já nos basta a sobrecarga fiscal e as dificuldades de angariação de mão-de-obra. Neste último ponto uma nota de satisfação pelo papel que a CAP pôde desempenhar na agilização do protocolo chamado da 'via verde', aliás reconhecido mesmo pelas outras Confederações patronais e pelo Governo. Tudo continuaremos a fazer para tentar minorar as dificuldades com que nos debatemos neste domínio.

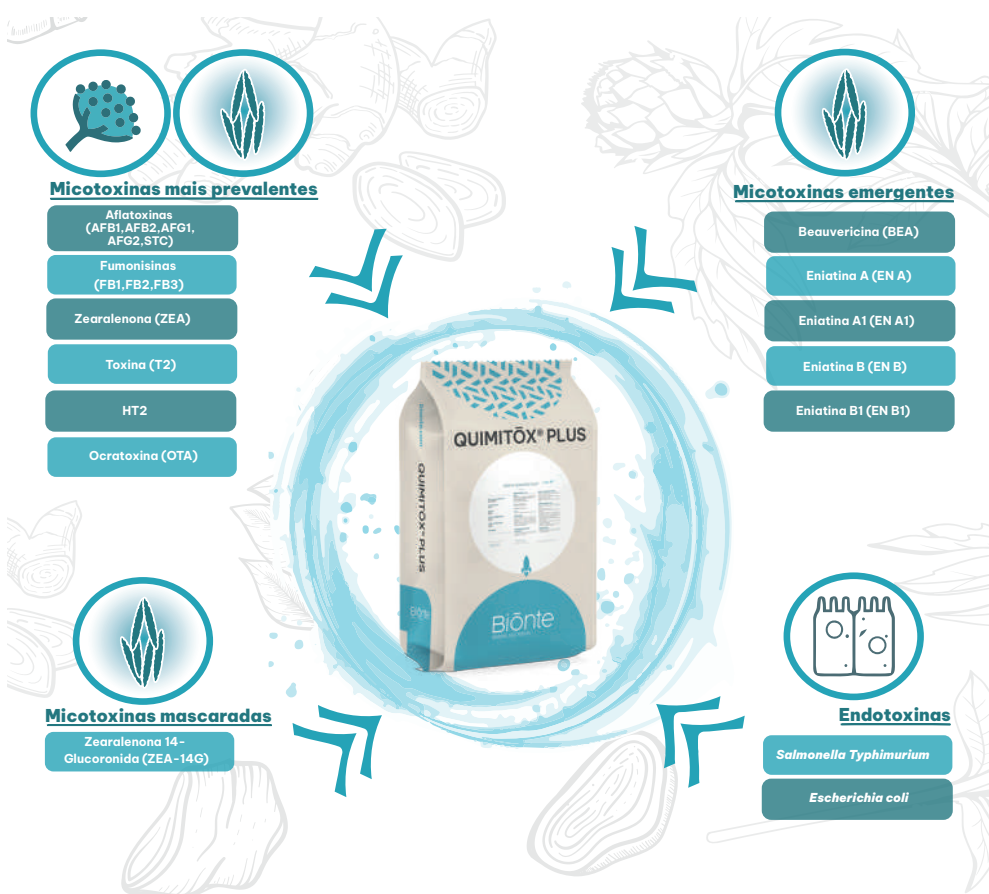
Do ponto de vista da política nacional exige-se que se entre agora num período de estabilidade, pós eleições legislativas, autárquicas e presidenciais, que permita aos agentes económicos planearem com um mínimo de previsibilidade e não se aproveitem as necessárias alterações orçamentais resultantes das calamidades para se criarem focos de perturbação.

Infelizmente, no contexto europeu, o ano de 2026 deverá continuar a ser condicionado pela guerra entre Rússia e Ucrânia e pela consequente urgência em atender à pressão para aumentar os orçamentos de defesa dos países europeus, com óbvias consequências para investimentos em outras áreas.

No plano global, a incerteza não podia ser maior e a situação interna dos EUA condicionará muito do que todos teremos de viver. As recentes turbulências em torno da política tarifária americana aumentará a instabilidade nos mercados internacionais, condicionando a economia mundial. O comércio internacional continuará sob forte influência do equilíbrio ou desequilíbrio geoestratégico entre as diversas potenciais mundiais, o que coloca uma série de pontos de interrogação em 2026 para uma economia aberta como é a nossa.

As perspetivas para 2026 estão, portanto, longe de ser as melhores. Já se tornou habitual referir a resistência dos agricultores em momentos de grandes dificuldades, o que é absolutamente verdade, mas a catástrofe que se abateu sobre nós, a juntar ao quadro de instabilidade e incerteza a nível europeu e mundial, exigem o máximo empenho do Governo no apoio à atividade agrícola, agroalimentar,

pecuária e florestal, assim como o trabalho conjunto em articulação com o movimento associativo, imprescindível para implementar as soluções em todo o território e para todos os setores. Para que 2026 possa efetivamente ser um "bom ano", conforme todos desejámos no início de janeiro, precisamos ultrapassar em conjunto todas estas dificuldades. Para isso, contém obviamente com a CAP.



QUIMITOX® PLUS

Uma combinação específica de minerais, fitogênicos e componentes orgânicos

ADSORÇÃO
 BIOPROTEÇÃO
 EFEITO PÓS-BIÓTICO

INTEMPÉRIES, ENERGIA E STOCKS ESTRATÉGICOS: DESAFIOS IMEDIATOS PARA A ALIMENTAÇÃO ANIMAL E A SOBERANIA ALIMENTAR



Idalino Leão

Presidente da CONFAGRI

O contexto geopolítico está a mudar a um ritmo difícil de acompanhar, com impactos diretos no setor agroalimentar e nas mais diversas cadeias da sua estrutura. A competitividade do setor agrícola dependerá, cada vez mais, da sua capacidade de se reinventar e responder de forma ativa aos desafios presentes e futuros, num cenário em que a soberania alimentar deverá assumir-se como um desígnio nacional.

Os últimos meses deixam claro que estamos à mercê da volatilidade das (in)decisões políticas, muitas vezes tomadas sem verdadeira avaliação das cadeias económicas e sociais que serão afetadas pelos seus impactos. A imprevisibilidade dos conflitos armados e as consequências ambientais de fenómenos climáticos cada vez mais extremos completam um contexto global instável que atinge, de forma direta, o setor agroalimentar – o setor que sustenta o mais elementar princípio de sobrevivência.

Dentro desta cadeia, a alimentação animal ocupa um lugar absolutamente central, embora raramente receba o destaque que merece. É um elo essencial, e simultaneamente um dos mais vulneráveis, do sistema agroalimentar. Sem alimentação animal segura, estável e acessível, não existe produção pecuária sustentável; sem produção pecuária, não há soberania alimentar possível.

Nos últimos meses, as intempéries registadas em Portugal voltaram a expor fragilidades estruturais da fileira agropecuária e da indústria de alimentação animal. Os prejuízos ainda não estão totalmente apurados, mas já são evidentes os impactos na morte de animais, na destruição ou inutilização de instalações agrícolas, pecuárias e fábricas de rações. Os acontecimentos tiveram impacto direto na continuidade da atividade produtiva, com efeitos que vão muito além do imediato.

Estes eventos extremos não afetam apenas o património físico. Estamos perante a perda temporária ou prolongada da capacidade operacional das explorações e da indústria, colocando em causa o bem-estar animal e introduzindo riscos adicionais numa cadeia que já opera num contexto de elevada volatilidade, dependência externa de matérias-primas e margens limitadas.

E cada fragilidade nesta cadeia traduz-se, inevitavelmente, em menor disponibilidade de alimentos para consumo humano, maior dependência do exterior e preços mais instáveis para o consumidor.

Uma das conclusões fundamentais extraídas dos eventos recentes é o reconhecimento da energia enquanto elemento essencial para a produção pecuária e alimentação animal. A quebra do fornecimento elétrico, frequentemente associada a fenómenos meteorológicos severos, revelou-se um fator crítico com impacto imediato em toda a cadeia. Na produção animal, esta quebra de energia compromete sistemas essenciais como ventilação, abeberamento, alimentação automática, controlo ambiental, ordenha e refrigeração, colocando em risco o bem-estar dos animais e, em situações extremas, a própria sobrevivência dos efetivos.

Do lado industrial, a interrupção do fornecimento elétrico afeta diretamente a produção de alimentos compostos, desde a moagem e mistura até à granulação, ensaque e expedição. Mesmo interrupções de curta duração podem resultar em perdas de produto, paragens prolongadas, falhas logísticas e incapacidade de resposta atempada às necessidades das explorações, amplificando os efeitos das intempéries a jusante da cadeia.

Este cenário reforça a necessidade de encarar a energia como um fator estratégico de segurança alimentar, exigindo soluções de redundância, planos de contingência e maior articulação entre indústria, produtores e autoridades.

Apesar dos sucessivos alertas, muitos produtores queixam-se da resposta tardia das autoridades sanitárias. Em várias regiões, a monitorização das mortalidades anómalas é insuficiente, e a ausência de equipas no terreno em momentos críticos agrava a situação. A isto somam-se atrasos burocráticos que contrastam com a urgência das necessidades, reforçando a importância da rapidez e simplificação na operacionalização das medidas de apoio.

A crescente instabilidade provocada por fenómenos climáticos extremos, tensões geopolíticas e constrangimentos logísticos demonstra, de forma inequívoca, que a força do setor agroalimentar

dependerá da nossa capacidade de antecipar, planejar e gerir riscos ao longo de toda a cadeia.

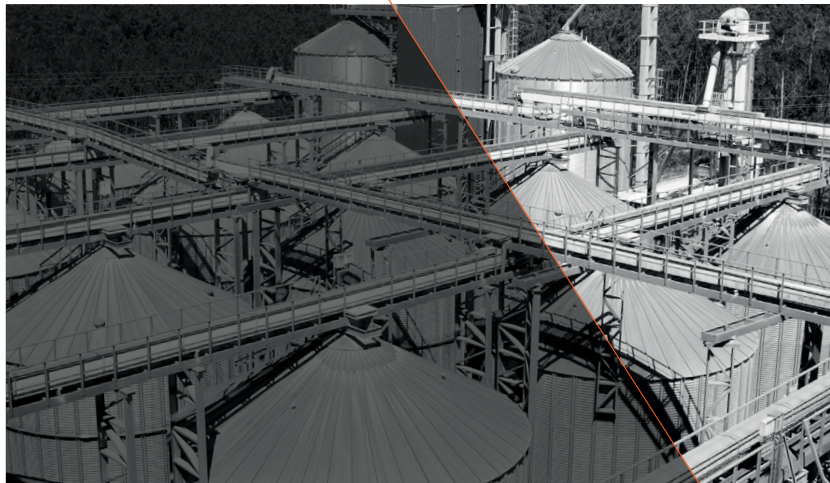
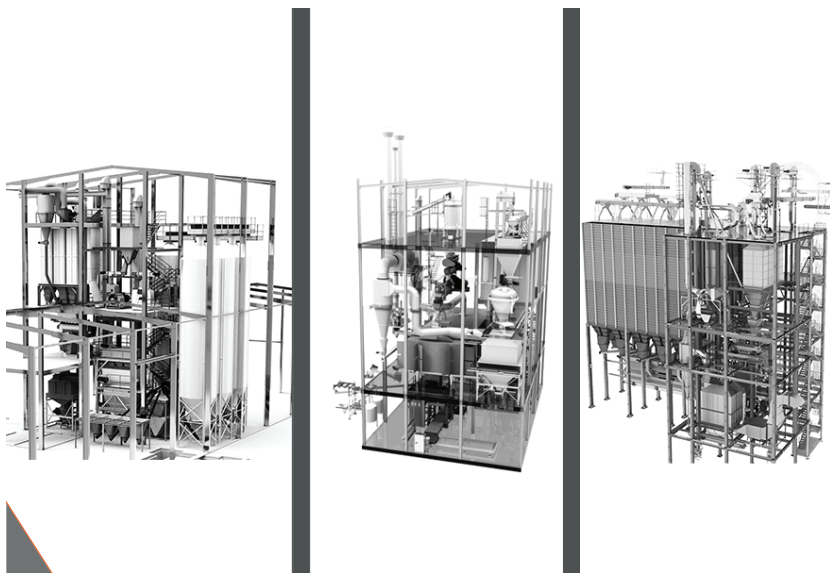
A alimentação animal é um elo fundamental da soberania alimentar: sem rações não há produção pecuária e, sem produção pecuária, não há abastecimento regular de proteína animal. Em última instância, uma crise na alimentação animal é sempre uma crise na alimentação humana.

A existência de stocks estratégicos — bem dimensionados, devidamente geridos e articulados com o mercado — constitui um instrumento essencial para mitigar ruturas de abastecimento, responder a emergências e garantir a continuidade da produção em momentos críticos. Os efeitos das recentes tempestades poderão prolongar-se durante meses e comprometer seriamente a recuperação das empresas, a produção pecuária, a economia rural e, sobretudo, a disponibilidade de alimentos de origem animal produzidos no nosso país, tornando-nos ainda mais vulneráveis e dependentes do exterior.

Reforçar a soberania alimentar de Portugal não significa fechar o país ao exterior, mas sim, reconhecer a alimentação animal como um setor estratégico, integrá-la nos instrumentos de planeamento e emergência e promover uma atuação articulada entre produtores, indústria e autoridades, assegurando abastecimento, bem-estar animal, sustentabilidade ambiental e estabilidade da produção ao longo de toda a cadeia: desde o alimento dos animais até ao prato dos consumidores.

Quando a base da cadeia falha, todo o setor fica em alerta. É, por isso, o momento de reforçar laços, unir forças e construir um setor agroalimentar mais forte, resiliente e preparado para o amanhã. Porque a soberania e a autossuficiência alimentares do país dependem, inevitavelmente, da forma como tratamos e protegemos a alimentação animal.

Se queremos garantir soberania alimentar, precisamos de começar pelos animais. Investir em reservas estratégicas, apoiar a produção nacional de forragens, reforçar a vigilância sanitária e capacitar cooperativas é mais do que uma estratégia, é um seguro para o futuro. A pergunta já não é se devemos agir, mas quanto tempo mais podemos esperar.



PROJETOS FOCADOS EM RESULTADOS

A HRV é especialista na instalação e manutenção de linhas de produção para alimentos compostos para animais: Meat-Fish-Pet, de unidades de processamento de composto orgânico, de unidades de processamento de biomassa e resíduos, desde a fase de conceção à produção dos equipamentos e desenvolvimento do software.

Um serviço de soluções integradas, inovadoras e à medida, que se pretendem sempre mais sustentáveis, com vista a obter os melhores resultados.

T +351 244 830 180 \ hrv@hrv.pt \ www.hrv.pt



DESDE 1982

HRV
process solutions

2026: A CADEIA AGROALIMENTAR COMO ÂNCORA E OPORTUNIDADE



Pedro Pimentel

Diretor-Geral da Centromarca

Durante demasiado tempo, o grande consumo habituou-se a olhar para a cadeia agroalimentar como um dado adquirido: uma base produtiva estável, resiliente por definição, capaz de absorver choques, ajustar margens e garantir abastecimento quase por inércia. Em 2026, essa leitura deixa definitivamente de ser válida. Não porque o setor esteja mais frágil, mas porque se tornou mais central, mais visível e, paradoxalmente, mais estratégico do que nunca.

O grande consumo português entra em 2026 num contexto exigente, mas também fértil em oportunidades. A soma de mudanças demográficas, económicas, tecnológicas e comportamentais está a redesenhar o mercado de forma profunda. E, ao contrário de ciclos anteriores, este redesenho coloca a agricultura, a pecuária, a alimentação animal e a indústria agroalimentar no centro da equação de valor. Não apenas como fornecedores, mas como atores estratégicos da competitividade nacional. Durante mais de uma década, o setor beneficiou de um enquadramento relativamente previsível. Mesmo em contextos adversos, existia um “piloto automático” que permitia compensar ineficiências e acomodar estratégias pouco diferenciadas. Esse tempo terminou. Mas o fim do piloto automático não é sinónimo de bloqueio. É, antes, uma oportunidade para recentrar decisões, valorizar competências e construir vantagem competitiva com base em fundamentos reais.

A pandemia expôs fragilidades nas cadeias globais de abastecimento, mas também revelou a importância da produção local, da capacidade de resposta rápida e da integração vertical. A crise inflacionista pressionou custos e margens, mas trouxe maior consciência sobre o valor real dos alimentos, da segurança alimentar e da estabilidade da oferta. Em 2026, o setor agroalimentar não regressa ao ponto de partida; avança para um patamar mais estratégico.

A transformação demográfica é uma das grandes forças estruturais do mercado. O consumidor português é hoje mais velho, vive em lares mais pequenos e apresenta padrões de consumo mais racionais e controlados. Para a cadeia agroalimentar, esta realidade traduz-se numa procura crescente por soluções mais ajustadas: porções adequadas, menor desperdício, maior clareza na

informação nutricional e confiança reforçada na origem dos produtos.

A imigração, ao mesmo tempo que atenua a quebra populacional, introduz diversidade cultural real nos hábitos alimentares. Esta pluralidade representa um desafio operacional, mas também uma oportunidade clara para a agricultura e para a indústria alimentar diversificarem a oferta, valorizarem produtos tradicionais, explorarem novos ingredientes e responderem a preferências alimentares diferenciadas.

No plano económico, a recuperação não se traduz numa sensação generalizada de folga financeira. O consumidor continua cauteloso, planeado e atento ao valor. Mas este comportamento não significa retração estrutural do consumo alimentar. Pelo contrário: significa maior exigência. O consumidor compra menos por impulso, mas valoriza mais a qualidade, a funcionalidade, a segurança e a coerência das marcas.

Para a agricultura e para a pecuária, este contexto favorece propostas claras e bem posicionadas. A valorização da origem, do bem-estar animal, da rastreabilidade e da qualidade nutricional deixa de ser um discurso abstrato e passa a integrar decisões concretas de compra. A alimentação animal, enquanto elo silencioso da cadeia, ganha relevância acrescida na medida em que influencia diretamente qualidade, eficiência produtiva e sustentabilidade. A fragmentação da jornada de compra é outra transformação estrutural. O consumidor constrói a sua cesta em múltiplos momentos e canais, alternando entre proximidade, formatos especializados, supermercados e soluções de conveniência. Esta realidade reforça a importância da disponibilidade, da consistência da qualidade e da capacidade de resposta rápida ao longo de toda a cadeia.

A proximidade emerge como eixo central do mercado. Para os produtos agroalimentares, isto representa uma oportunidade clara de valorização da frescura, da produção local e da ligação ao território. Cadeias mais curtas, logística otimizada e integração entre produção, transformação e distribuição tornam-se fatores críticos de diferenciação.

O mercado promocional atravessa uma fase de saturação, mas este fenómeno abre espaço para uma revalorização do produto em si. Em 2026, a promoção deixa de ser o único motor de decisão. O consumidor está mais disposto a pagar por

**CEN
TRO
MAR
CA**
para marcas que marcam

aquilo que reconhece como justo, útil e coerente. Para os produtores agrícolas e para a indústria alimentar, esta mudança permite recentrar a estratégia no valor real e não apenas no preço.

A marca própria continua a crescer, mas fá-lo de forma mais sofisticada. Este movimento exige maior profissionalização da produção, maior exigência nos standards de qualidade e maior capacidade de inovação por parte dos fornecedores. Para muitos operadores agroalimentares, a marca própria deixa de ser apenas um negócio de volume e passa a ser uma plataforma de aprendizagem, escala e eficiência.

O consumidor escolhe menos marcas, mas envolve-se mais com aquelas em que confia. Esta seletividade favorece marcas e produtos com identidade clara, consistência e relevância funcional. No agroalimentar, a confiança constrói-se ao longo do tempo, através da qualidade constante, da transparência e da capacidade de responder a preocupações reais.

A saúde e o bem-estar assumem uma centralidade prática e quotidiana. A redução de açúcar, gordura e sal, a atenção às porções e o interesse por produtos funcionais deixam de ser nichos. Para a pecuária e para a alimentação animal, esta tendência traduz-se numa oportunidade de inovação ao nível da nutrição, da eficiência produtiva e da qualidade final dos alimentos.

A sustentabilidade, por sua vez, torna-se mais pragmática. O consumidor valoriza soluções concretas: menos desperdício, embalagens eficientes, uso responsável de recursos e práticas agrícolas sustentáveis. Em 2026, a sustentabilidade deixa de ser um custo reputacional e passa a ser um fator de competitividade, eficiência e acesso a mercados. A inovação permanece indispensável, mas mais focada e mais exigente. Inovar não é lançar mais produtos, mas resolver melhor problemas reais: adaptar formatos, melhorar processos, reduzir perdas e aumentar eficiência ao longo da cadeia. Para a agricul-

tura, a pecuária e a alimentação animal, a inovação tecnológica e organizacional será determinante para ganhar produtividade e resiliência.

Em síntese, 2026 não será um ano fácil, mas será um ano fértil. O fim do piloto automático obriga a decisões mais conscientes, mas também cria espaço para quem sabe ler o mercado, investir com critério e valorizar o que faz bem. A cadeia agroalimentar portuguesa tem ativos relevantes: conhecimento, capacidade produtiva, diversidade e uma ligação profunda ao território.

Num mercado mais exigente, a agricultura, a pecuária e a indústria alimentar deixam de ser apenas a base invisível do consumo e afirmam-se como motores de valor, diferenciação e competitividade. O desafio não está em resistir à mudança, mas em liderá-la. E, em 2026, essa liderança começa claramente no campo, passa pela transformação e concretiza-se na confiança do consumidor.



AVICULTURA 2026: BOAS PERSPETIVAS. MAS PORQUÊ FAZER SIMPLES SE PODEMOS COMPLICAR?



Pedro Raposo Ribeiro
Secretário-Geral da FEPASA

As tendências de mercado sopram a favor da avicultura: a procura tem aumentado de forma sustentada, com preços favoráveis, tendências que se projetam no futuro. Não obstante, os produtores de carne e ovos, continuarão a ser confrontados com desafios enormes e crescentes, de natureza sanitária, climática e regulatória que podem colocar em causa a competitividade e sustentabilidade do setor.

O ano de 2025 veio consolidar a tendência de reforço do peso do setor avícola no quadro da produção animal, quer em Portugal como do contexto europeu e mundial.

A produção mundial cresceu, em 2025, cerca de 3,0% impulsionado pelo preço competitivo face a outras fontes de proteína animal e uma procura crescente, em particular nos mercados emergentes.

O comércio internacional terá crescido o ano passado entre 1,5 e 2,0%, abaixo do crescimento da produção, resultado dos esforços, por parte de vários países, em reforçar o seu grau de autossuficiência, face ao clima de crescente instabilidade geopolítica global.

A nível do mercado europeu, contrariando a tendência de estagnação ou até ligeiro decréscimo no consumo de carne, a carne de aves é a única que mantém uma tendência de crescimento no consumo e na produção, no curto, médio e longo prazo, sendo igualmente crescente a procura de ovos.

Em Portugal, o consumo “per capita” de carne continua a crescer. A carne de aves é, neste contexto, a que mais cresce e representa já cerca de 40% do consumo nacional de carne sendo a principal carne consumida.

As perspetivas em termos de mercado, para 2026 são otimistas e mantêm, em tudo, estas tendências, ainda que com expectativas mais moderadas de crescimento.

Em regiões como a Ásia, África e América Latina, o crescimento económico tem impulsionado o consumo de proteína animal.

A carne de aves e os ovos, fontes de proteína animal saudáveis, acessíveis, práticas e versáteis, sustentáveis e desprovidas de barreiras religiosas, afirmam-se, cada vez mais, como o principal suporte proteico da Humanidade.

Em resultado do exposto, a produção mundial de carne de aves deverá continuar a aumentar (cerca de 2,5% em 2026 segundo as estimativas do “Rabobank”) devendo o comércio internacional evoluir a uma taxa ligeiramente mais baixa (1,0% – 2,0%), refletindo a continuação dos esforços de reforço de autossuficiência e segurança alimentar, com apostas na produção local por parte de muitos países e em resposta à “volatilidade geopolítica” sentida.

Na União Europeia a tendência é semelhante, mas a níveis de crescimentos mais baixos, com uma perspetiva de aumento da produção de 1,5%, uma estagnação das exportações e um ligeiro aumento das importações.

No caso português, o consumo deverá continuar a crescer, mas acima da produção, em consequência das intempéries que atingiram o centro do país no início deste ano, da persistência de riscos de gripe aviária, mas, essencialmente, das limitações burocráticas e regulatórias que continuam a condicionar fortemente a criação de novas capacidades produtivas e a modernização das unidades existentes.

A produção avícola é a produção animal mais sustentável que o país dispõe sob todos os pontos de vista: económico, ambiental e social.

A carne de aves e os ovos são as proteínas animais com menor impacto ambiental por unidade proteica produzida, seja medido em termos de emissões de gases com efeito de estufa, seja em consumos de água, áreas agrícolas ou quaisquer outros parâmetros considerados.

São produzidas sem recurso a subsídios diretos, gerando riqueza e emprego.

São fontes proteicas saudáveis, baratas, versáteis e fáceis de consumir, razões pelas quais são as preferidas pelos consumidores.



Não se conhecem casos de poluição ambiental resultantes destas produções sendo uma atividade cada vez mais gerida em sistemas de economia circular e autossuficiência energética.

Perante esta realidade não será pertinente questionarmos por que razão o licenciamento de um simples aviário leva, por regra 2 a 3 anos?

Será esta uma atividade assim tão estranha, incomum ou inovadora que não tenha já sobejamente caracterizados todos os parâmetros técnicos necessários para analisar e decidir um projeto em meia dúzia de meses?

Sendo este o setor da pecuária nacional com maior grau de autoaprovisionamento (cerca de 87%), com grande capacidade exportadora (mais de 220 milhões de euros em 2025) mas gerando, ainda assim, um défice comercial anual superior a 350 milhões de euros, não será de interesse nacional investir no reforço da produção nacional?

Poderíamos continuar a colocar questões, mas infelizmente a esperança de ter respostas não é muita.

Pelo contrário, o ano de 2026 será marcado pelo lançamento, pela Comissão Europeia de mais uma proposta de revisão da legislação de Bem-Estar Animal, acrescentando ao processo, já em curso, de agravamento das exigências em matéria de transporte de animais, de imposição de novas ou revistas taxas ambientais sobre emissões, embalagens, recolha de resíduos, etc. etc..

As políticas públicas surgem, cada vez mais, como políticas assistencialistas e o setor avícola, gerador de riqueza, de emprego e produtos sustentáveis com valor de mercado e reconhecimento pelos consumidores, é vítima do seu próprio sucesso.

Vejamos um exemplo: a exigência societal do “fim das gaiolas”.

Vamos assumir que este é um desígnio pertinente e que até é economicamente viável. Uma pergunta: porque não existe já no PEPAC uma linha de investimento para o efeito? Estamos à espera da lei que determine esta obrigatoriedade? Que seja definido um prazo que coloca as empresas

sob pressão e os fornecedores de equipamentos sem capacidade para responder a uma procura acrescida num período temporal limitado? Isso beneficiará quem?

Se em vez de políticas reativas pudéssemos ter visões políticas de futuro, o mais natural seria aproveitar este momento, sem pressão temporal e em que o setor até está bem economicamente para estimular positivamente este tipo de transformação.

Os incentivos, neste contexto, fariam todo o sentido e os “desígnios sociais” poderiam então ser progressivamente atingidos.

Mas sem pressões, sem conflitos, sem contestações nem alterações mediáticas, o clima não é propício a manchetes de jornal e à afirmação de figuras messiânicas, capazes de resolver os grandes problemas prementes.

Porquê então fazer as coisas simples se podemos complicar?

Extrunoga
GrupoNogar

Maizlac
10.5% HUMIDADE, 11.6% LACTOSE, 0.4% ACIDO LACTICO

Fullfat Soya
75.8% SKOH, 4mg/g TIA

Trigolac
10.5% HUMIDADE, 16% LACTOSE, 0.5% ACIDO LACTICO

Linosalv
27.4% EE, 18.2% PB, 21.7% FND, 12.8% ALA

Inovação e qualidade ao serviço da nutrição animal

FAMIBS **Gális**

Extrunoga
GrupoNogar

Polígono Industrial O Campiño
Rúa Chan de Parafita, 17
Marcón, Pontevedra • T. 986 876 579
www.extrunoga.com



João Bastos

Secretário-Geral da FPAS

2026: MÃOS À OBRA

Desafios, Ameaças e Oportunidades do Setor Suinícola em Portugal

Introdução

O ano de 2026 iniciou-se de forma ainda mais desafiadora do que o término de 2025. A difícil tarefa de antecipar o que este ano reserva foi agravada, primeiramente, pelo surgimento de focos de Peste Suína Africana (PSA) na Catalunha em novembro passado, e, posteriormente, em janeiro, pelos impactos devastadores provocados pela tempestade Kristin, que se agravaram com outras intempéries subsequentes.

Diagnóstico do Setor no Início de 2026

Em janeiro, Portugal contava com 2,1 milhões de porcos, dos quais 193 mil eram reprodutoras, distribuídas por 4.060 explorações, 92% localizadas no Centro, Lisboa e Vale do Tejo e Alentejo.

No ano de 2025, foram abatidos 5,3 milhões de suínos, com um preço médio de carcaça (classe E) de 2,14€/kg. O volume de negócios atingiu os 816 milhões de euros, sendo 173 milhões provenientes de exportações. Apesar de o cenário macroeconómico ser globalmente positivo, surgem alertas ao analisar os detalhes, especialmente em relação ao preço. O valor médio de 2,14€/kg registado encontra-se acima da média do último trimestre (1,78€/kg) e, por sua vez, muito acima da média de 1,38€/kg observada em 2026. Pode-se concluir que o impacto dos dois javalis identificados na Catalunha resultou numa diferença de cerca de 1€/kg em Portugal, visto que no terceiro trimestre de 2025 a média era de 2,32€/kg.

Ameaças e Oportunidades para 2026

Identificam-se duas grandes ameaças ao setor para 2026:

- Peste Suína Africana em Espanha;
- Recuperação da calamidade provocada pela tempestade Kristin.

Em contrapartida, também estão delineadas duas grandes oportunidades:

- Expansão para mercados externos;
- Reestruturação do setor.

O equilíbrio entre estas ameaças e oportunidades, assim como a capacidade do setor de mitigar riscos e potenciar vantagens, determinará o prognóstico de 2026.

Ameaça: Peste Suína Africana em Espanha

Apesar de o foco da PSA se encontrar contido na área inicial, continuam a ser detetados semanalmente javalis positivos, ultrapassando 150 casos apenas na zona de contenção de 6 km. Este cenário impede a reabertura do mercado espanhol ao Japão e à Coreia do Sul, obrigando a Espanha a direcionar vendas para a Europa, especialmente para os países de Leste, competindo diretamente com a Alemanha. Enquanto esta situação persistir, Espanha precisará de praticar preços inferiores no mercado europeu, afetando também Portugal.

O problema não é apenas comercial. O plano de prevenção da PSA em Portugal avançou rapidamente, destacando pontos críticos para evitar a entrada da doença no país, tais como:

1. Controlo rigoroso das movimentações de animais oriundos de Espanha;
2. Envolvimento de autoridades (ASAE, AT, PJ, PSP, GNR) na identificação de movimentações irregulares;
3. Reforço das análises sorológicas a animais importados para reprodução;
4. Incremento das medidas de biossegurança na recolha de cadáveres;
5. Reforço das medidas de desinfecção e limpeza nas instalações;
6. Monitorização da entrada e permanência de animais em montanha;
7. Capacitação do laboratório nacional de referência para resposta rápida a eventuais surtos;
8. Mapeamento das detenções caseiras de suínos;
9. Controlo reforçado das condições dos parques biológicos de suínos;
10. Realização de exercícios de simulação e simulacro para contingência da PSA;
11. Comunicação eficaz com todos os agentes envolvidos.

O êxito deste plano será determinante para a manutenção do estado sanitário do país.

Ameaça: Recuperação da Calamidade

A tempestade Kristin foi o fator mais determinante para o setor suinícola em 2026, afetando cerca de 50% do efetivo nacional. Mais de um milhão de porcos estavam em explorações atingidas, algumas com danos irreparáveis e acessos impossibilitados. Há o risco de muitas empresas, especialmente as de menor dimensão e capacidade financeira, não retomarem a atividade. Devido às características produtivas do setor, só daqui a cerca de um ano será possível voltar ao pleno potencial produtivo. Durante este período de recuperação, Espanha continuará a colocar grandes volumes de carne no mercado, pressionando os preços para baixo, o que dificultará ainda mais a retoma em Portugal.

O governo português deve implementar um plano robusto de recuperação económica, aproveitando a crise como oportunidade para modernizar, realocar e capacitar as empresas do setor, tornando-o mais competitivo e resiliente a médio prazo. A estagnação e abandono de setores estratégicos, como o alimentar, aumentam a dependência externa e acarretam custos futuros elevados para o país. É fundamental que as autoridades compreendam esta realidade.

Oportunidade: Mercados Externos

Apesar das adversidades, é fundamental valorizar as oportunidades criadas em anos anteriores, que agora podem ser essenciais para sustentar o setor.



Exportação (países terceiros) de carne, peças e subprodutos em 2025.				
Fonte: Eurostat (valor – m€)				
Destinos	2024	2025	24%25	% total
Angola	12 772,00	14 563,00	14,02%	25,41%
China	6 938,00	8 787,00	26,65%	15,33%
Cabo Verde	6 470,00	6 850,00	5,87%	11,95%
Japão	3 480,00	6 230,00	79,02%	10,87%
Reino Unido	3 670,00	3 500,00	-4,63%	6,11%
Suíça	4 510,00	4 540,00	0,67%	7,92%
Coreia do Sul	2 160,00	2 820,00	30,56%	4,92%
Moçambique	2 500,00	2 580,00	3,20%	4,50%
Macau	1 860,00	1 900,00	2,15%	3,31%
S. Tomé e Príncipe	1 210,00	1 440,00	19,01%	2,51%
Timor-Leste	367,22	650,58	77,16%	1,14%
Brasil	403,53	647,33	60,42%	1,13%
Canadá	374,06	429,59	14,85%	0,75%
Guiné-Bissau	501,99	367,21	-26,85%	0,64%
Filipinas	68,00	325,86	379,21%	0,57%
TOTAL EXTRA-UE	47 284,80	55 630,57	17,65%	97,06%

A FILPORC, uma organização que há muito fazia falta, tem desempenhado papel crucial nos últimos cinco anos, tornando-se uma ferramenta fundamental para contrariar o ciclo negativo.

Portugal abriu progressivamente mercados exigentes: Japão em 2017, China em 2019, Coreia do Sul em 2021 e, mais recentemente, Filipinas, Singapura e vísceras para a China, com participação decisiva da FILPORC. Estas aberturas resultaram de estratégias de cooperação institucional e visitas técnicas, demonstrando transparência e qualidade dos operadores portugueses.

Em 2026, prevê-se a abertura dos mercados do Vietname e Tailândia, além de contactos avançados com México e Malásia. Mesmo em 2025,

com preços pouco competitivos, houve um aumento significativo das exportações para países asiáticos.

Segundo dados do Eurostat, os principais destinos extra-UE em 2025 incluíram Angola, China, Cabo Verde, Japão, Reino Unido, Suíça, Coreia do Sul, Moçambique, Macau, S. Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Brasil, Canadá, Guiné-Bissau e Filipinas, com um crescimento global de 17,65% em relação a 2024.

Por continentes, Portugal exportou 66,8% para a Europa (94% para Espanha), 17% para África, 14% para a Ásia e 2% para a América. As dinâmicas geopolíticas em evolução, com a Europa a procurar novos aliados face à tensão com os EUA, poderão criar novas oportunidades, exigindo visão e adaptação das empresas.

Oportunidade: Restruturação do Setor

As condições atuais aceleram uma reestruturação inevitável do setor. A reconstrução dependerá de uma política de licenciamento eficaz e adaptada à realidade nacional. O ano de 2026 será um ponto de viragem, marcado por instabilidade cuja superação não dependerá apenas da resiliência do setor, mas sobretudo da visão estratégica do governo português e da Comissão Europeia para reerguer um setor em dificuldades.

Conclusão

O futuro do setor suínico português em 2026 dependerá do equilíbrio entre as ameaças identificadas e a capacidade de aproveitar as oportunidades, exigindo ação coordenada, visão estratégica e apoio institucional robusto. Chegou o momento de arregaçar as mangas: mãos à obra!



MONTEMOR-O-NOVO
a capital nacional da pecuária extensiva
Pelo Mundo Rural



APORMOR

Associação de Produtores do Mundo Rural da Região de Montemor-o-Novo

EXPOMOR 2026

2, 3, 4, 5, 6 e 7 de setembro



PARQUE DE LEILÕES / EXPOSIÇÕES • TEL. 266 898 300 • 7050-035 MONTEMOR-O-NOVO
E-mail: geral@apormor.pt • Contribuinte nº 502 560 118 • Marca de Exploração VW63C • www.apormor.pt

A PECUÁRIA EXTENSIVA E A FUTURA PAC



Joaquim Capoulas

Presidente da APORMOR

Por toda a Europa sopram novos ventos que podem levar a uma inversão no caminho traçado, nos últimos 30 anos, pela União Europeia para a Política Agrícola Comum, acentuando a importância da Agricultura, Pecuária e Florestas, não só como produtoras de alimentos para todos, mas também fundamental na atração das novas gerações para a ocupação dos territórios rurais, proporcionando a sua sustentabilidade económica e social, de modo a poderem garantir a nossa soberania alimentar e, com a sua presença e ação, os equilíbrios ambientais dos nossos ecossistemas. Os Agricultores, os Produtores Pecuários e Florestais funcionam como soldados na ocupação e defesa do território e como bombeiros limpando o excesso de vegetação e ocorrendo, rapidamente, a extinguir qualquer foco de incêndio que, de outro modo, ameaçariam as próprias áreas urbanas. Só os devaneios fundamentalistas dos últimos anos, com uma influência muito ampliada pela comunicação social e aproveitando as debilidades e falta de competências específicas de grande parte da classe política, têm impedido ver esta realidade.

Na Apormor já em maio de 2022, tendo em consideração as consequências geradas pela pandemia e guerra na Ucrânia, realizámos uma conferência com a participação das diversas forças políticas para debater a importância da soberania alimentar, num quadro em que, talvez, ainda se pudesse influenciar o desenho do atual PEPAC (Plano Estratégico da Política Agrícola Comum).

Mas o PEPAC avançou e o desprezo pelos alertas saídos do campo continuou, até que o desastre anunciado se tornou uma realidade.

E aí, a situação explodiu e, por toda a Europa, os Agricultores foram para a rua para fazerem ouvir a sua revolta, como aconteceu no passado dia 18 de dezembro em Bruxelas. As razões principais para os protestos foram o acordo do Mercosul e a proposta da Comissão Europeia para a PAC 2028-34, mas, mais do que isso, foi a expressão do sentimento de injustiça com que o Mundo Rural tem sido tratado.

A Pecuária Extensiva foi o setor da agricultura mais penalizado e esquecido pelas sucessivas PACs nos últimos 25 anos, mesmo sabendo-se que ocupa cerca de 64% da área agrícola útil do nosso país, sendo, portanto, decisiva na defesa e na ocupação do território. Sem a presença dos

produtores pecuários, com especial relevância para os agricultores do pastoreio extensivo, os incêndios serão cada vez mais devastadores e com graves aproximações às áreas urbanas. Para além da defesa e ocupação do território, a pecuária extensiva tem componentes fundamentais nas áreas económica e ambiental, produzindo alimentos para toda a população e gerindo os equilíbrios dos ecossistemas que só os agricultores, com a sua presença permanente no campo, conseguem assegurar. Sem a sua presença, regressaremos à selva de há séculos, na flora com o domínio de infestantes vegetais e na fauna selvagem com o domínio das espécies dominantes, que se autodestruirão.

Esperemos que a discussão da nova PAC, tão mal iniciada com a proposta da Comissão Europeia, venha ainda a mudar de rumo. Nas medidas previstas, uma das mais penalizadoras para a agricultura portuguesa é a nacionalização de uma parte importante das ajudas. Portugal não tem fundos disponíveis, contrariamente aos países mais ricos, para além de que provocaria uma disputa interna entre os vários setores, pondo agricultores contra agricultores.

O atual desenho da futura PAC é completamente inaceitável e seria o princípio do fim do cimento agregador da coesão europeia.

Há que lutar por uma PAC, com uma visão radicalmente diferente!

Não podemos permitir que nos dividam!

Todos os setores do Mundo Rural, agricultores, produtores florestais e produtores pecuários, do extensivo e do intensivo, têm de se manter unidos!

É o nosso futuro e dos nossos filhos e netos que está em jogo.



Next Generation Thinking

Construímos em conjunto uma Nutrição de Excelência Mundial

Enquanto líder mundial em Nutrição Animal, a ADM proporciona aos seus parceiros uma nutrição de alta qualidade, sustentável e que suprime todas as necessidades.

Através da experiência adquirida pelos nossos especialistas em todas as espécies, um portfólio de produtos em contínuo crescimento e o acesso a uma aprendizagem global, trabalhamos em conjunto para promover o melhor desempenho nutricional e o desenvolvimento de soluções que possam gerar o sucesso no momento e no futuro.

A sua vantagem, a nossa experiência!

CARNE DE VACA EM 2026: OS "TORMENTOS" ENTRE A ESCASSEZ GLOBAL E O ACORDO



Hugo Branquinho

Secretário-Geral da ANEB-Associação Nacional dos Engordadores de Bovinos

O setor pecuário em Portugal e no mundo atravessa um momento de definição em 2026. O prato dos portugueses está no centro de uma tempestade perfeita: de um lado, a produção nacional definha; do outro, um ciclo global de escassez empurra os preços para níveis recorde, enquanto a diplomacia comercial tenta equilibrar o tabuleiro com o histórico acordo entre a União Europeia e o Mercosul.

Portugal: Menos Animais, Preços Mais Altos

O cenário doméstico é de resistência. A produção de carne bovina em Portugal mantém a trajetória de queda iniciada no início da década, com previsões a apontar para 90.340 toneladas este ano – um recuo estrutural de 18% ao ano desde 2021, no efetivo de vacas aleitantes.

Apesar de dados recentes de janeiro de 2026 indicarem flutuações em leilões locais, como os de Évora e Montemor-o-Novo, a tendência de fundo é de pressão. Com a oferta interna em queda e a procura resiliente (estimada em 200 mil toneladas), o resultado é inevitável: o preço da carne de vaca no consumidor continua a subir, podendo mesmo “disparar” face à escassez de animais prontos para abate.

O Mundo e proteína animal

Pela primeira vez em seis anos, a produção mundial de proteína animal terrestre vai recuar. Segundo dados do Rabobank, a carne bovina lidera este declínio com uma contração de 3,1%.

Países como os EUA, Brasil e Canadá entraram simultaneamente na fase de retenção de fêmeas. Para garantir rebanhos futuros, os produtores estão a abater menos animais agora, o que secou o mercado de exportação. Até a China, o gigante importador, deverá reduzir as suas compras em 3%, travada pelos preços proibitivos nos mercados internacionais.

O Acordo

A ratificação do acordo UE-Mercosul no início de 2026 introduz uma variável crítica. O tratado abre as portas da Europa a 99 mil toneladas de carne bovina com tarifas reduzidas.

Otimismo vs. Ceticismo: O Governo e a Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP) veem aqui uma oportunidade para compensar o setor agrícola

através do vinho e azeite. Em contrapartida, a CNA (Confederação Nacional da Agricultura) alerta para um risco real à soberania alimentar, temendo que o pequeno produtor nacional não consiga competir com a escala sul-americana.

Conclusão

Para o consumidor português, 2026 será um ano de escolhas difíceis. Se, por um lado, o acordo com o Mercosul pode estabilizar os preços de certos cortes através da importação, a carne de alta qualidade, produzida localmente sob rigorosas normas de sustentabilidade, reafirma-se como um produto de luxo. A sustentabilidade do setor em Portugal dependerá agora da capacidade de adaptação dos produtores a este novo paradigma de comércio global e escassez de recursos.

A nossa experiência, a sua eficiência



Criamos soluções
nutricionais eficientes
ao serviço da saúde
e bem-estar na
produção animal



Serviços

- Clínica / Diagnóstico
- Análise Técnico-Económica
- Soluções de Higienização
- Formulação
- Biossegurança
- Laboratório

Visite-nos em: www.din.pt

Zona Industrial da Catraia | 3440-131 Santa Comba Dão (Portugal) | (+351) 232 880 020

2026: A INDÚSTRIA DA CARNE ENTRE A INCERTEZA E A REINVENÇÃO



Graça Mariano

Diretora-Executiva da APIC

Entrámos em 2026 com uma sensação persistente de desequilíbrio. A economia europeia tenta recuperar de sucessivas crises – sanitárias, energéticas e geopolíticas – enquanto o setor agroalimentar enfrenta um novo golpe: o reaparecimento da peste suína africana (PSA) em Espanha, um episódio que relança todas as dúvidas sobre o que nos espera este ano. Portugal, por razões óbvias de proximidade geográfica e integração de mercado, não poderá escapar às repercussões. A indústria da carne — em especial a suína — encontra-se novamente no fio da navalha, obrigada a repensar estruturas, mercados e até a sua própria identidade.

Um mercado em mutação acelerada

Já antes da PSA, a indústria europeia de carnes vivia uma transformação estrutural profunda. Entre as novas exigências ambientais impostas pela União Europeia, as metas de redução de emissões e a pressão social por alimentos mais sustentáveis e com menor impacto climático, as empresas tinham de se adaptar ou ficar para trás.

A instabilidade dos custos de produção – energia, alimentação animal e logística, entre outros – somada à volatilidade dos mercados externos, criou um terreno fértil para incertezas. O consumidor, por sua vez, fragmentou-se: entre quem “exige” sustentabilidade a todo o custo, e quem procura apenas o preço mais baixo.

Agora, com a peste suína africana a espalhar inquietação entre produtores e autoridades veterinárias, o cenário torna-se ainda mais imprevisível. Espanha, o maior produtor europeu de carne suína, é um pilar fundamental nas exportações e no abastecimento interno da UE. Qualquer interrupção naquele mercado terá efeitos imediatos em toda a Península Ibérica. O impacto em Portugal é inevitável: descida de preços à produção, restrições comerciais, custos sanitários e a necessidade de reforçar medidas de biossegurança.

O elo fraco e a oportunidade perdida

A PSA é, em muitos aspetos, o espelho das fragilidades do sistema. Decisões políticas lentas, estruturas produtivas demasiado concentradas e dependência excessiva de alguns mercados externos

(como a China) deixam o setor vulnerável a choques sanitários ou comerciais.

Mas há também um problema de visão estratégica: Portugal e a Europa poderão ter perdido tempo precioso na diversificação do consumo e na aposta em inovação agroalimentar. Em vez de reforçar o valor acrescentado e a diferenciação — carnes com certificação de origem, produção circular, integração com sistemas agroflorestais —, muitas empresas mantiveram-se num paradigma de volume e exportação massiva.

Se nada mudar, a PSA poderá transformar-se numa crise profunda. Mas também pode — paradoxalmente — ser o ponto de viragem que acelera a modernização e o reposicionamento do setor.

As tendências que já se desenham

Olhando para 2026, a paisagem da carne será moldada por cinco forças principais:

1. Sanidade e biossegurança como prioridade absoluta.

A PSA, mas também a gripe aviária ou outras zoonoses potenciais, vão colocar os padrões sanitários no centro da competitividade. O investimento em tecnologia, rastreabilidade e inteligência artificial para deteção precoce será determinante.

2. Transição ecológica e descarbonização.

A pressão para reduzir metano e emissões associadas à criação de animais sem ser no extensivo vai obrigar à adoção de práticas regenerativas. Sistemas integrados, alimentação sustentável e aproveitamento de subprodutos agrícolas serão mais valorizados.

3. Reconfiguração dos mercados.

A diversificação geográfica será crucial. A perda temporária do mercado asiático para carne suína europeia poderá abrir espaço para parcerias regionais mais coesas dentro da UE e em mercados emergentes de África e América Latina.

4. O avanço das proteínas alternativas.

Embora muito longe de substituir a carne tradicional, as proteínas vegetais e cultivadas em laboratório tiveram mais espaço para crescer que agora.

A indústria que souber integrar inovação em vez de rejeitá-la poderá expandir o seu portefólio e fidelizar novos consumidores.

5. Mudança no perfil do consumidor.

A geração pós-pandemia é mais informada, mais exigente e menos fiel a marcas. Quer transparência, bem-estar animal e conveniência. Torna-se assim importante que a carne conte uma história — de origem, de sustentabilidade, de autenticidade — para continuar a ter espaço nas prateleiras.

únicas para liderar um novo paradigma: produções regionais certificadas, integração com paisagens sustentáveis e valorização do território.

A aposta deve ser clara: qualidade e identidade em vez de volume. A articulação entre investigação, inovação tecnológica e marketing territorial pode colocar o setor cárnico português num segmento premium dentro da Europa.

Mas isso exigirá uma política pública coerente, incentivos ao investimento verde e uma nova geração de empresários agrícolas preparados para um mercado global digitalizado.

apostando em sanidade, inovação e sustentabilidade, poderá sair mais forte e moderno. Caso contrário, veremos um encolhimento inevitável, com a produção a concentrar-se em poucos atores e a perda de competitividade internacional.

O futuro da carne não está apenas nas explorações de animais, mas também nos laboratórios, nas universidades e nas políticas de coesão que unam ciência, agricultura e indústria. Em 2026, a Europa – e Portugal – serão julgados não pela crise que enfrentaram, mas pela forma como a transformaram em oportunidade.

Portugal: pode ser protagonista

Para Portugal, o desafio é romper a lógica reativa e assumir um papel proativo. A dependência do modelo espanhol expõe vulnerabilidades, mas também oportunidades de diferenciação. Temos condições

Entre a crise e a reinvenção

A incerteza é a única certeza no horizonte de 2026. A peste suína africana será um teste à resiliência e à capacidade de coordenação europeia. Se o setor reagir de forma unida,

nutrinova
nutrição animal, S.A.



soluções inovadoras
em nutrição animal

Serviços Laboratoriais

Análise Nutricional
Serviços de Diagnóstico

Produtos

Pré-misturas
Alimentos Complementares

Serviços Técnicos Veterinários

Serviços de Formulação
Assistência Veterinária
Apoio Técnico a Explorações

Qualidade

Controlo de Especificações:

- Matérias-primas
- Pré-misturas
- Alimentos para Animais

Avaliação de Processos de Fabrico:

- Homogeneidade de Misturas
- Avaliação de Contaminações
- Monitorização de Matérias primas
- Monitorização de Alimentos para Animais

NUTRINOVA.PT



PONTO DE SITUAÇÃO DO INSECTERA



Ana Cristina Monteiro

FeedInov Colab

Introdução

A meses de se darem como concluídos os trabalhos da Agenda Mobilizadora InsectEra, voltámos a ouvir Ana Cristina Monteiro, *Science Manager* do FeedInov CoLab e responsável pelo Eixo InFeed desta Agenda.

Passados alguns meses desde a última entrevista, que balanço faz da evolução do Eixo InFeed da agenda InsectERA?

Nesta altura estamos já numa fase mais avançada do projeto. Os ensaios estão finalizados, os resultados praticamente todos tratados e conseguimos já tirar conclusões concretas dos trabalhos realizados.

Temos também já a caracterização das matérias-primas derivadas de insetos, assim como das matérias-primas para a alimentação dos insetos e as fórmulas alimentares dos mesmos com a incorporação dessas matérias-primas. Apesar de estas duas últimas atividades serem do eixo Matérias-Primas e Produção, estão bastante ligadas ao eixo InFeed e, em parte, foram desenvolvidas por este eixo, pelo FeedInov e pela IACA com a colaboração dos parceiros do eixo InFeed DGAV e INIAV e pela Entogreen e ThunderFood, estas últimas do eixo Matérias-Primas e Produção.

Fizemos também alguns estudos de mercado para avaliar não só o consumo de carne, mas também a predisposição do consumidor por produtos

de origem animal provenientes de animais alimentados com insetos. Este estudo, repartido entre o eixo InFeed e o eixo In2Market, permitir-nos-á ter uma ideia da aceitação destes produtos pelo consumidor e dos constrangimentos que poderemos encontrar. Importa referir que muitos trabalhos têm interligações entre vários eixos, contribuindo desta forma para diferentes trabalhos a serem realizados, o que aumenta o seu âmbito.

Em suma, e apesar de alguns atrasos, neste momento já conseguimos tirar conclusões concretas dos trabalhos realizados.

Já é possível identificar níveis de incorporação das matérias-primas derivadas de insetos para algumas espécies?

Nos ensaios com aves e suínos a abordagem foi cautelosa, no sentido de avaliar níveis de incorporação que fossem adequados para posterior utilização

pela indústria, o que quer dizer que optamos por níveis de incorporação relativamente baixos. Estas matérias-primas ainda têm um preço elevado e a sua incorporação tem como efeito um aumento do custo final do alimento composto, daí termos optado por uma postura mais conservadora.

No entanto, sabemos que uma

menor incorporação significa, à partida, um menor efeito da matéria-prima e isso foi evidente nos ensaios com frangos de carne, que, devido ao seu rápido crescimento, não chegámos a ter um efeito notório da dieta. Podemos, contudo, concluir que no nível de incorporação utilizados nestes ensaios, não houve um efeito negativo, quer nas performances produtivas, quer na saúde animal,

da dieta com incorporação de farinha de BSF (black soldier fly ou em português mosca soldado negro). Ainda estamos a finalizar as análises referentes ao ensaio com incorporação de proteína de BSF em dietas para suínos, mas, dos resultados preliminares que já obtivemos, podemos igualmente concluir que não existe nenhum efeito negativo

da utilização desta matéria-prima na performance produtiva destes animais. Assim, verificamos que é segura a incorporação destas matérias-primas na alimentação de frangos de carne, de galinhas poedeiras e de suínos.

Nos ensaios com robalo e dourada a abordagem foi diferente, o que permitiu ter resultados mais evidentes. Neste caso a matéria-prima testada foi o óleo de BSF e os resultados são bastante promissores com melhoria do crescimento dos animais sem alterações do índice de conversão do alimento.

“...verificamos que é segura a incorporação destas matérias-primas na alimentação de frangos de carne, de galinhas poedeiras e de suínos”

“Nos ensaios com robalo e dourada os resultados são bastante promissores com melhoria do crescimento dos animais sem alterações do índice de conversão do alimento”

Relativamente às matérias-primas derivadas de insetos, que evolução observa na disponibilidade, qualidade e maturidade do setor?

Quanto a este assunto a disponibilidade existe, mas não para um fornecimento em massa. De qualquer forma, penso que este não será o objetivo do setor dos insetos, mas sim um fornecimento para

produtos diferenciadores, com maior valor acrescentado e de menor dimensão. Quanto à qualidade dos diferentes derivados de insetos, importa referir que a sua composição depende bastante da composição dos alimentos dos próprios insetos. O manual de caracterização das matérias-primas com potencial de utilização na alimentação dos insetos, que foram selecionadas entre os

parceiros produtores de insetos (Ento-green, ThunderFood e Cricket Farming), o FeedInov e a DGAV, é um documento importante, pois permitirá ao setor avaliar coprodutos da agroindústria, que, de outra forma, seriam um desperdício (com custos de eliminação), podendo ser utilizados em fórmulas alimentares para estas espécies, numa perspetiva de circularidade e sustentabilidade do setor bioindustrial dos insetos. Os derivados de insetos foram igualmente analisados e caracterizados nutricionalmente, a nível de substâncias indesejáveis, de potenciais contaminantes e de metabolitos de oxidação. Com esta informação sabemos, neste momento, o real valor e segurança alimentar destas matérias-primas. Podemos assegurar que, além de cumprirmos com os critérios de segurança alimentar, possuem elevado valor biológico, nomeadamente elevado teor em proteína (proteína de BSF tem aproximadamente 55%, a farinha de tenébrio 53% e a proteína de tenébrio mais de 79% de proteína bruta). No entanto, e apesar de geralmente serem vistas como matérias-primas "fornecedoras" de proteína, não

devem ser vistas como tal, tendo em conta que têm mais potencial, nomeadamente no que diz respeito ao teor em gordura e composição em ácidos gordos, entre outros. Sabemos, por exemplo, que a sua composição em ácido láurico, um ácido gordo de cadeia média com atividade benéfica no sistema imunitário dos animais, é elevada, sendo por isso uma vantagem destas matérias-primas.

Como avalia, nesta fase do projeto, a articulação e o trabalho desenvolvido entre os diferentes parceiros do eixo?

A articulação com os parceiros correu bem. O grupo que constitui o InFeed é coeso e todos os parceiros estão a trabalhar para

"Podemos assegurar que, além de cumprirmos com os critérios de segurança alimentar, possuem elevado valor biológico, nomeadamente elevado teor em proteína..."

"O trabalho com animais é sempre um pouco complexo, porque necessita de uma elevada programação e coordenação, visto que pode estar dependente do ciclo reprodutivo dos animais..."

"Verificou-se neste grupo de trabalho um esforço para que todas as dificuldades que foram sendo encontradas se resolvessem da melhor forma, o que é de louvar"

"as diferenciações para produtos especializados, com um valor acrescentado, são mais adequadas a estas matérias-primas, pois podem valorizá-las economicamente e não exigem uma disponibilidade massiva"

pretende obter animais com uma idade específica. Depende ainda da disponibilidade de instalações, produção de alimentos, etc., que têm de ser coordenados entre os vários parceiros para que todas as etapas se encaixem na devida sequência. Também no caso de aquisições de equipamentos ou outros materiais, obras e recuperações de instalações, etc., que estejam dependentes, por exemplo, de contratação pública, devido à complexidade do próprio processo, os atrasos são frequentes e comuns. **Verificou-se neste grupo de trabalho um esforço para que todas as dificuldades que foram sendo encontradas se resolvessem da melhor forma, o que é de louvar.**

um bem comum. Existem sempre constrangimentos. O atraso de um parceiro vai sempre ter um efeito no trabalho sequencial, caso este esteja a cargo de outro parceiro. **O trabalho com animais é sempre um pouco complexo, porque necessita de uma elevada programação e coordenação, visto que pode estar dependente do ciclo reprodutivo dos animais,** quando se pretende obter animais com uma idade específica. Depende ainda da disponibilidade de instalações, produção de alimentos, etc., que têm de ser coordenados entre os vários parceiros para que todas as etapas se encaixem na devida sequência. Também no caso de aquisições de equipamentos ou outros materiais, obras e recuperações de instalações, etc., que estejam dependentes, por exemplo, de contratação pública, devido à complexidade do próprio processo, os atrasos são frequentes e comuns. **Verificou-se neste grupo de trabalho um esforço para que todas as dificuldades que foram sendo encontradas se resolvessem da melhor forma, o que é de louvar.**

No nosso caso, por exemplo, a parceria com a Sorgal correu muito bem e os pequenos desvios, que por vezes ocorreram, resolveram-se facilmente em coordenação com os elementos das equipas envolvidas.

Os constrangimentos legais e produtivos continuam a ser um dos principais desafios à utilização destas matérias-primas?

Sem dúvida que o preço e a disponibilidade, mas principalmente o preço, são os principais desafios que o setor da produção de insetos enfrenta. Não nos podemos esquecer que é um setor jovem e que a escala demora a acontecer. Penso, no entanto, que as diferenciações para produtos especializados, com um valor acrescentado, são mais adequadas a estas matérias-primas, pois podem valorizá-las economicamente e não exigem uma disponibilidade massiva.

Relativamente às questões legais, a legislação europeia tem vindo a mudar à medida que o conhecimento sobre estas matérias-primas e sobre a sua utilização tem vindo a ser desenvolvido. Como já referi anteriormente, este é um setor novo, o que significa que o conhecimento sobre o mesmo ainda está a ser gerado, e o legislador apenas permite a utilização de novas matérias-primas quando a segurança para os animais, para o ser humano e para o ambiente, está garantida. Neste momento existem já oito espécies de insetos autorizadas para a alimentação animal. Os operadores deste setor de produção de insetos e matérias-

-primas derivadas de insetos têm de cumprir com toda a legislação afeta ao setor dos alimentos para animais, sendo este um setor bastante regulado. Todo o processo leva o seu tempo, mas tem-se evoluído. O mais importante é colocar no mercado produtos seguros e esta é uma garantia que temos.

Tem notado uma maior abertura ou interesse por parte da indústria de alimentos compostos para animais na utilização deste tipo de produtos?

As dúvidas em relação aos produtos, à sua utilização, às suas mais-valias, etc. ainda são elevadas na indústria. Por esse motivo fizemos, não no eixo InFeed, mas no eixo In2Market um questionário à indústria de alimentos compostos para perceber quais as necessidades de informação que têm sobre estas matérias-primas, com vista à preparação de documentação técnica e de uma ação de formação que vá ao encontro da satisfação dessas necessidades. Se por um lado o ceticismo e desconhecimento técnico ainda existe, por outro penso que o setor já não olha para este novo setor bioindustrial de forma tão "desconfiada".

Mais uma vez é um setor bastante jovem e que ainda tem um caminho a percorrer. Penso que a Agenda Mobilizadora InsectERA poderá dar uma grande ajuda, através da documentação técnica produzida, nomeadamente das fichas de caracterização de matérias-primas derivadas de insetos, as quais serão bastante completas, da preparação de ações de formação e dos resultados dos ensaios, que trarão mais informação para a indústria, de forma que esta sinta maior confiança no valor destas matérias-primas e na melhor forma da sua utilização.

Os produtos que já chegaram ao mercado continuam a ser uma referência importante para demonstrar o potencial destas matérias-primas? No eixo InFeed foi desenvolvido e lançado um alimento Premium para cães pela PetMaxi, um dos parceiros do eixo. De acordo com a Eng^a

Joana Pereira, Responsável de Qualidade e Segurança Alimentar, de quem tivemos informação sobre a evolução da aceitação deste produto pelo mercado, "o alimento happyOne Premium Proteína de Inseto revela-se ser um alimento com muito boa aceitação no mercado, mostrando-se ser uma ótima opção nutricional para animais com sensibilidade alimentar. Na comercialização, os clientes repetem a compra do alimento o que se traduz em satisfação. Alimentos para animais de companhia, com ingredientes diferenciadores e com características

"Neste momento existem já oito espécies de insetos autorizadas para a alimentação animal"

"Penso que a Agenda Mobilizadora InsectERA poderá dar uma grande ajuda, através das fichas de caracterização de matérias-primas derivadas de insetos..."

"o alimento happyOne Premium Proteína de Inseto revela-se ser um alimento com muito boa aceitação no mercado, mostrando-se ser uma ótima opção nutricional para animais com sensibilidade alimentar" Eng^a Joana Pereira, PetMaxi

"Os insetos têm essa capacidade de produzir proteína a partir de alimentos com menor valor nutricional. O setor bioindustrial dos insetos pretende ser 100% circular: ser alimentado com coprodutos de outras indústrias e produzir zero resíduos, o que vai totalmente ao encontro das políticas da UE"

happyOne Premium Proteína de Inseto – cuja formulação pressupõe proteína de inseto como única fonte de proteína, aliada a um potencial hipoalergénico que se perderia se introduzíssemos outras proteínas de

nutricionais muito ricas, como a proteína de inseto, representam sempre uma mais-valia no portfólio da petMaxi. A curto-médio prazo, cremos que o posicionamento deste ingrediente se mantenha no segmento Premium não só pelas particularidades do alimento de origem animal – como também pelo facto de que atualmente a proteína de inseto ainda tem um custo de aquisição elevado. Não obstante, consideramos que existe potencial de crescimento na diversidade de utilização, dependente, naturalmente, da evolução da procura de mercado".

De que forma o Eixo InFeed continua alinhado com as estratégias europeias, nomeadamente o Green Deal e a Estratégia Do Prado ao Prato? No que toca ao enquadramento estratégico e legislativo Europeu, existe alguma novidade que tenha impacto nesta atividade e que implique ajustamento do setor?

A economia circular é uma das prioridades na União Europeia (UE), espelhada na estratégia "Farm to Fork" do Pacto Ecológico Europeu e pretende impulsionar a competitividade da UE ao proteger as empresas contra a escassez dos recursos e a volatilidade dos preços, ajudando a criar oportunidades empresariais e formas inovadoras e mais eficientes de produzir e consumir. Para concretizar esta ambição, os setores alimentares (humano e animal) terão de produzir mais com menos, reduzindo o impacto ecológico do consumo e duplicando a taxa de utilização de materiais circulares. Por outro lado, a indústria agroalimentar produz uma enorme quantidade e variedade de coprodutos, os quais, caso não sejam utilizados, tornar-se-ão resíduos, o que representa um custo para as empresas, contribuindo igualmente para o aumento do impacte ambiental. É crucial reduzir o desperdício e, em simultâneo, fornecer matérias-primas

ao setor, que tanto necessita de alternativas às matérias-primas tradicionais. Esta sinergia é duplamente vantajosa, pois diminui desperdício e custos e cria uma oportunidade para o setor.

Os insetos têm essa capacidade de produzir proteína a partir de alimentos com menor valor nutricional. O setor bioindustrial dos insetos pretende ser 100% circular: ser alimentado com coprodutos de outras indústrias e produzir zero resíduos, o que vai totalmente ao encontro das políticas da UE. Através da utilização daquilo que seria um

desperdício de outras indústrias, produz proteína, a qual, por sua vez, contribuirá para a produção de produtos de origem animal de elevado valor biológico. Em simultâneo, o que poderia ser um resíduo do próprio setor é transformado num fertilizante orgânico, o frass. Desta forma a cadeia está pensada para ser o mais circular e sustentável possível.

Quais são as principais prioridades e objetivos do Eixo InFeed para os próximos meses?

A Agenda InsectERA, tal como outras Agendas Mobilizadoras, viu o seu término adiado por seis meses, o que nos permite terminar o que ainda falta de todas as atividades a que nos propusemos na candidatura. Tal como referi anteriormente, em relação aos ensaios em aquacultura, em aves e em suínos, estes últimos meses permitir-nos-ão terminar o tratamento estatístico dos dados e a apresentação dos resultados. Existem documentos em fase de finalização, como as fichas de caracterização de matérias-primas derivadas de inseto (farinha, proteína e óleo de BSF e de tenébrio molitor), que estão a ser editadas para serem impressas e disponibilizadas *online*. Por outro lado, o desenvolvimento de serviços como o controlo de qualidade através de imagens hiper-espectrais com recurso

"Pessoalmente, acho que é um setor que tem lugar no mercado e que gera produtos de qualidade interessante, mas será agora o mercado a ditar as regras do jogo"

a *machine learning*, que sofreu um atraso inicial, tem vindo a recuperar o tempo com o esforço da equipa envolvida, principalmente do IPBeja, estando a equipa já a testar as matérias-primas. Este trabalho permitirá que a indústria consiga efetuar o controlo das matérias-primas de forma eficiente e rápida, garantindo que os alimentos formulados têm as características pretendidas. De uma forma geral, todos os parceiros estão a fazer um esforço para conseguirem atingir até junho todas as metas a que se propuseram.

Mantém o otimismo em relação ao futuro do projeto e ao desenvolvimento do setor dos insetos na alimentação animal?

Antes de mais, acho que todo o trabalho desenvolvido pela Agenda permitiu limar muitas arestas, perceber o verdadeiro potencial dos insetos nas várias vertentes abordadas, ter dados mais concretos e procurar uma utilização mais eficaz e direcionada dos mesmos. O setor está mais

esclarecido e todo o conhecimento produzido pode agora ser transmitido e utilizado pelos diferentes operadores do mercado. Pessoalmente, acho que é um setor que tem lugar no mercado e que gera produtos de qualidade interessante, mas será agora o mercado a ditar as regras do jogo.



NUTRECO'S
**GARDEN OF
THE FUTURE**

MELHORAMOS A NUTRIÇÃO ANIMAL COM O PODER DAS PLANTAS

Solicite mais informações ao seu representante da Trouw Nutrition e descubra o que o Jardim do Futuro da Nutreco pode fazer por si.



DESCUBRA O JARDIM DO FUTURO DA NUTRECO

No Jardim do Futuro da Nutreco trabalhamos para impulsionar o conhecimento científico sobre compostos de origem vegetal — tanto os já conhecidos como os ainda por descobrir. Estamos a aplicar investigação de ponta para liderar o desenvolvimento de ingredientes ultraespeciais que potenciam a funcionalidade das rações e dos aditivos alimentares. Estas descobertas estão a gerar soluções transformadoras para alimentar o futuro.

VALORIZAÇÃO DE EFLUENTES DA EXPLORAÇÃO PECUÁRIA NA CULTURA INTENSIVA DO MILHO

Regina Menino^{1,2}, Olga Moreira^{3,4,5,6}, João Gramacho³, António Sequeira³, Iryna Rehan³, David Fangueiro⁷, Joaquim Pedro Torres⁸, Henrique Trindade⁹, Catarina Esteves¹⁰

INTRODUÇÃO

Com vista à valorização e promoção dos efluentes e coprodutos gerados na agropecuária, num enquadramento de "economia circular" e do conceito de "resíduo zero", o estudo a que se refere a presente comunicação foi desenvolvido no âmbito do projeto "LIVING LAB – Efluentes e coprodutos da atividade agropecuária", financiado pela União Europeia no contexto do "Plano de Recuperação e Resiliência". Na sequência do objetivo dos projetos "GOEfluentes" e "Nutri2Cycle", com o presente estudo, pretende-se lidar com os constrangimentos que afetam a economia agrária, numa perspetiva holística da produtividade das culturas, da fertilidade (atual e diferida) dos solos e do descarte seguro e rentabilizado dos efluentes da atividade pecuária.

Deste modo, num cenário de múltiplas interações "fertilizante/solo/planta/fitotecnia" e na perspetiva do estudo em curso, foi realizado um ensaio em campo do agricultor, onde o enfoque incide no caso particular dos **fertilizantes** "chorume da suinicultura intensiva" e "compostado de estrume de bovino com biochar", com o intuito de avaliar e promover a sua valorização na produção, em **solo** aluvionar, da **planta** do milho para silagem, num sistema de **fitotecnia** de regadio, uma vez que se trata de uma zona onde a pecuária intensiva está bem presente, com uma cultura de alto rendimento e beneficiando de um sistema de produção exigente. O presente ensaio, no entanto, constitui apenas uma parcela preliminar de um estudo mais amplo, em que se pretende avaliar o efeito residual na resiliência da fertilidade do solo, dando continuidade, ao delineamento experimental em que se enquadra, com a rotação com o azevém, concretizada pelo agricultor no mesmo campo, numa simbiose "agricultor vs. Investigador".

Subsidiariamente, e apenas com o intuito de uma avaliação preliminar de uma possível ação detrimental do chorume de suíno na cultura do milho para grão, procedeu-se ao desenho e acompanhamento de um dispositivo elementar *ad hoc*, onde se tentou apreciar o efeito de uma aplicação suplementar deste resíduo orgânico da suinicultura.



Figura 1 – Campo com milho para silagem, onde foi incluído o ensaio

DELINEAMENTO EXPERIMENTAL E CONTROLO DA EVOLUÇÃO DA CULTURA

O presente estudo comportou, um **ensaio** com milho para a produção de silagem, e um **dispositivo ad hoc** com milho para produção de grão, este último incluído numa outra "belga" na mesma quinta, ambos em regime de regadio por "pivot" e situados na "Quinta do Mouchão do Esfolo Vacas", no Vale de Santarém. O **ENSAIO** foi conduzido com a abrangência de 8 ha, destinada à produção de milho para silagem, no ceio da qual foram assinalados três blocos para delimitação, em cada um, de três parcelas de 0,25 ha, para as três repetições dos três diferentes tratamentos, tal como se ilustra na figura 2. Neste dispositivo experimental o ensaio foi semeado a 18 Maio de 2024 e a colheita foi feita a 9 de Setembro.

¹ Unidade Estratégica de Investigação e Serviços dos Sistemas Agrários e Florestais e Sanidade Vegetal (UEIS-SAFSV), Av. da República, Quinta do Marquês, 2780-159 Oeiras, Portugal;

² GREEN-IT Bioresources for Sustainability, ITQB NOVA, 2780-157 Oeiras, Portugal;

³ Unidade Estratégica de Produção de Investigação de Produção e Saúde Animal (UEIPSA), Polo de Inovação da Fonte Boa, Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV), IP, Av. Professor Vaz Portugal, Quinta da Fonte Boa, 2005-048 Vale de Santarém, Portugal;

⁴ Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CiEIM), Quinta da Granja, 2829-511 Monte da Caparica, Portugal;

⁵ Centro de Investigação Interdisciplinar em Sanidade Animal (CIISA), FMV-UL, Av. da Universidade Técnica, 1300-477 Lisboa, Portugal;

⁶ AL4AnimalS, FMV-UL, Av. da Universidade Técnica, 1300-477 Lisboa, Portugal;

⁷ LEAF – Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food, LEAF Research Center, Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa, Portugal;

⁸ Valinveste – Investimentos E Gestão Agrícola, Lda, Quinta Mocho Varzea, Várzea, 2005-465 Santarém;

⁹ Centre for the Research and Technology of Agroenvironmental and Biological Sciences, CITAB, Inov4Agro, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD, Quinta de Prados, 5000-801 Vila Real, Portugal;

¹⁰ Forest Research Centre (CEF), Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa, Portugal





GARANTIA



SEGURANÇA



CONFIANÇA

*A medida certa
em Nutrição Animal*



EUROCEREAL, S.A. | Estrada da Aversada n.º 24, 2665-290 Malveira

Tel.: 219 668 650 (Chamada rede fixa nacional) | E-mail: eurocereal@eurocereal.pt

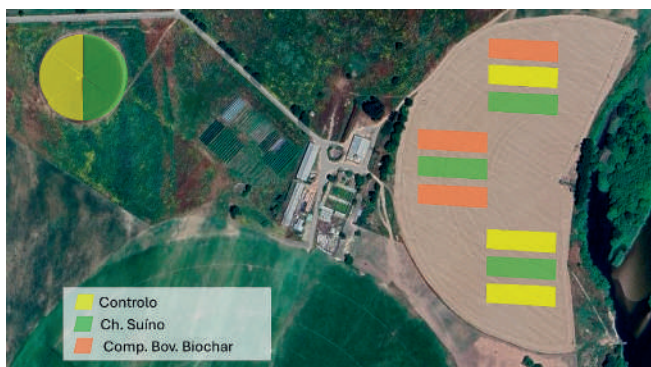


Figura 2 – Vista aérea da "Quinta do Mouchão do Esfola Vaca", assinalando-se a área onde estão implantados o ensaio de milho para silagem (à direita) e a área para a produção de milho para grão (à esquerda), reservada para o dispositivo *ad hoc* referido na introdução.

O **delineamento experimental** contemplou três tratamentos, todos eles totalizando uma dotação de 300 unidades de N/ha – um tratamento com fertilização química e outros dois com fertilização mista, nomeadamente:

Fertilização química – tratamento T1 – (com fertilização igual à praticada na totalidade da área circundante dos blocos experimentais):

Como fertilização de fundo – 45 unidades de N/ha (DAP);

À rebentação – 55 unidades de N/ha (solução 32%N), por fertirrega; Na sacha – 100 unidades de N/ha (sulfato de amónio 40% N), por fertirrega;

Após sacha – 100 unidades de N/ha (solução 32%N), por fertirrega.

Fertilização mista – tratamento T2

Como fertilização de fundo – 100 unidades de N/ha (chorume de suíno cru, obtido diretamente da fossa para onde desagua chorume suíno da fase de engorda), mais 45 unidades de N/ha (DAP); À rebentação – 55 unidades de N/ha (solução 32%N), por fertirrega; Após sacha – 100 unidades de N/ha (solução 32%N), por fertirrega.

Fertilização mista – tratamento T3

Como fertilização de fundo – 100 unidades de N/ha (composto de estrume de bovino, com 5% de "biochar" adicionado à massa fresca ao início da compostagem), mais 45 unidades de N/ha (DAP); À rebentação – 55 unidades de N/ha (solução 32%N), por fertirrega; Após sacha – 100 unidades de N/ha (solução 32%N), por fertirrega.

Para o **acompanhamento da evolução da cultura**, procedeu-se a duas colheitas de amostras do material vegetal, para análise química, nomeadamente à formação da 4ª folha e ao embandeiramento. Durante a amostragem do material vegetal, foram realizadas medições *in situ* às folhas, com um medidor portátil da transmitância de luz através das folhas (SPAD), para uma estimativa do teor de clorofila.

A análise química incidiu sobre a avaliação do teor de macro e micronutrientes e propriedades de digestibilidade. Neste artigo, maior ênfase foi dado ao macronutriente N uma vez que foi o nutriente alvo de substituição.

O **DISPOSITIVO AD HOC**, foi levado a cabo numa área destinada à cultura de milho para grão, com a abrangência de 1 ha (Figura 2), onde a fertilização, em toda a área, foi igual à descrita para o campo de milho para silagem, sendo que, em metade dessa área, se fez uma aplicação de fundo, suplementar, com chorume de porco, para uma dotação de mais 100 unidades de N/ha. Neste dispositivo, o ensaio foi semeado a 18 Maio de 2024 e a colheita foi feita a 31 de Outubro.

RESULTADOS

No **ENSAIO**, a produção foi a que se indica na Fig. 3, onde os valores, ligeiramente superiores para os tratamentos com os complementos orgânicos (em particular com o chorume de suíno), não revelaram significado estatístico. Do mesmo modo, as análises realizadas à primeira colheita de material vegetal mostraram diferenças evidentes, entre os tratamentos, relativamente ao teor de N total e proteína bruta, valores que foram superiores nos tratamentos com chorume de suíno (Tab. 1).

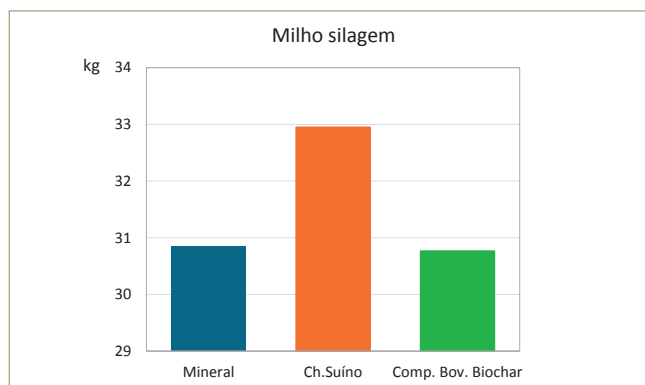


Figura 3 – Produção de grão no ensaio (peso médio de 40 plantas aleatoriamente colhidas, durante a fase "grão pastoso", dentro das três parcelas experimentais dos diferentes tratamentos).

	Teor foliar N (% matéria seca)		Proteína bruta (% matéria seca)	
	À formação da 4ª folha	Ao embandeiramento	À formação da 4ª folha	Ao embandeiramento
Mineral	3,44 b	3,07	21,50 ab	19,20
Ch. Suíno	3,60 a	3,12	22,47 a	19,50
Comp. Bov. Biochar	3,37 b	2,88	21,03 b	18,00

Tabela 1 – Teores foliares de N e proteína bruta em folhas colhidas em duas alturas do ciclo diferentes (colheita aleatória de 30 folhas dentro das três parcelas experimentais dos diferentes tratamentos).

Quanto ao **DISPOSITIVO AD HOC**, os resultados da produção que se apresentam na Fig. 4, muito embora não permitindo qualquer ilação significativa, dada a ausência de graus de liberdade, não evidenciam, no entanto, um potencial deletério no contexto em que foi aplicado; antes pelo contrário, indiciam consonância com os resultados registados no "ensaio".

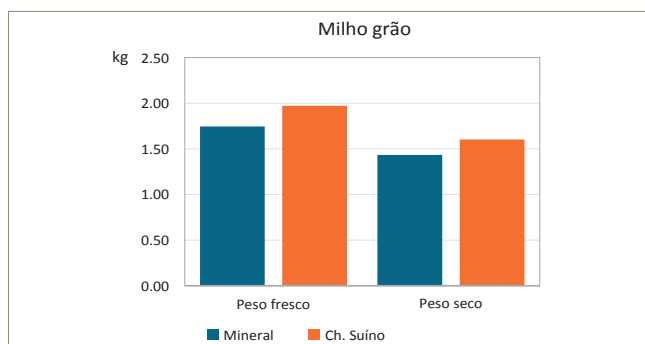


Figura 4 – Produção de grão no dispositivo *ad hoc* (peso médio de 6 maçarocas, aleatoriamente colhidas em triplicado em cada uma das duas parcelas, durante a maturação fisiológica do grão).

	Teor foliar N (% matéria seca)		Proteína bruta (% matéria seca)	
	À formação da 4ª folha	Ao emban-deiramento	À formação da 4ª folha	Ao emban-deiramento
Mineral	3,50	3,06 b	23,70	42,16
Ch. Suíno	3,60	3,31 a	25,25	41,53

Tabela 2 – Teores foliares de N e proteína bruta em folhas colhidas em duas alturas do ciclo diferentes (colheita aleatória de 30 folhas dentro das duas parcelas experimentais).

Também neste dispositivo se registou um maior teor foliar de N no tratamento com chorume, corroborando a evidência de que a aplicação de chorume suíno proporciona um aumento da absorção de N, nas condicionantes relevantes do contexto agrícola em causa (Tab. 2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um capítulo com o título "conclusões" parece-nos aqui descabido, dada a ampla abrangência de todos os objetivos que informam este estudo, numa escala parcial, mas nem por isso irrelevante, desde a perspetiva imediata das opções do agricultor, passando pela perspetiva diferida deste mesmo agente económico, no seu tempo e no seu legado, e no espectro mais amplo da própria "sanidade" global do planeta.

Os resultados preliminares aqui registados, no entanto, não são de modo algum despididos, antes pelo contrário constituem peças importantes do presente estudo, num contexto relevante da agricultura nacional.

É assim que, na conjuntura agronómica em que os dispositivos experimentais se inserem, podemos admitir que a substituição de 30% do fertilizante químico por chorume de suíno ou de compostado de

estrupe bovino com "biochar", em particular o primeiro, não comprometem a produção do milho, podendo constituir um adequado meio para o descarte seguro, e eventualmente rentável, deste tipo de efluentes e coprodutos da atividade pecuária.

Compete agora, na prossecução dos objetivos do presente estudo, avaliar o impacto da componente orgânica da fertilização, na resiliência ou promoção da fertilidade do solo, como fator relevante no balanço económico da cultura. Numa perspetiva mais pragmática, no entanto, as opções do agricultor passam, necessariamente, pelo preço de cada unidade N aplicada com o fertilizante orgânico, sem menosprezo do resultado da posterior avaliação do seu efeito residual na resiliência da fertilidade do solo.

Agradecimentos

Este trabalho foi financiado pelo projeto "LivingLab – Efluentes e coprodutos da atividade pecuária", financiado pelo PRR (PRR-C05-i03-I-000218), e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., através dos projetos 1) UIDB/00239/2020 do Centro de Estudos Florestais, com o identificador DOI 10.54499/UIDB/00239/2020; 2) UID/04033: Centro de Investigação e de Tecnologias Agro-Ambientais e Biológicas, e LA/P/0126/2020 (<https://doi.org/10.54499/LA/P/0126/2020>).



UNIVERSIDADE DE LISBOA



**A PENSAR EM SI,
NATURALMENTE**

geral@raporal.pt | www.raporal.pt

RaPORAal

DESDE 1971

- RAÇÕES
- AGRICULTURA
- PRODUÇÃO ANIMAL
- ABATE
- TRANSFORMAÇÃO
- VENDA AO PÚBLICO

A vida faz-se do campo para a mesa, desde o primeiro dia.

Produção verticalizada, para a fileira da carne de suíno e bovino, com total rastreabilidade e segurança alimentar, garantindo assim produtos de excelência.

Tudo isto a pensar em si!



valGRUPO
DESDE 1989

PRODUÇÃO NACIONAL DE ALIMENTO MEDICAMENTOSO PARA ANIMAIS: O QUE MUDOU COM A IMPLEMENTAÇÃO DO NOVO REGULAMENTO?

Flávio G. Silva¹, José M. Costa¹, Ana Avelar¹ e Inês Almeida²

Desafio da RAM e a Resposta Europeia

Na gestão da saúde e produtividade animal, os antimicrobianos são ferramentas indispensáveis. No entanto, a sua utilização está intrinsecamente ligada a um dos maiores desafios da saúde global: a **Resistência aos Antimicrobianos (RAM)**. A RAM transcende as fronteiras dos setores, sendo uma ameaça séria à saúde humana, animal e ambiental – a essência da abordagem **Uma Só Saúde (One Health)**. Em Portugal, tal como na Europa, a via do Alimento Medicamentoso¹ (**AM**) para administração de antimicrobianos tem sido uma forma eficaz de tratamento coletivo, mas também uma potencial porta de entrada para a disseminação de multirresistências quando ocorrem falhas de manejo ou de administração, bem como resultado de utilização inadequada de antimicrobianos.

¹ **Alimento medicamento para animais:** alimentos para animais prontos para serem diretamente administrados aos animais sem transformação subsequente, que consistem numa mistura homogénea de um ou mais medicamentos veterinários com matérias-primas para alimentação animal ou alimentos compostos para animais

Perante esta realidade e o imperativo de um uso mais prudente de antimicrobianos, a União Europeia adotou novas disposições regulamentares na área dos medicamentos veterinários, incluindo os AMs, através do **Regulamento (UE) 2019/4**². Este Regulamento que entrou em aplicação a 28 de janeiro de 2022, para além da atualização e harmonização das regras até então em vigor, não se limitou a ajustar as regras de fabrico, comercialização e utilização de alimentos medicamentosos. Ele veio igualmente refletir o progresso técnico e científico das últimas décadas, para além da implementação de medidas que garantam a maior proteção da saúde e bem-

-estar animal e o nível de segurança adequado dos alimentos medicamentosos para animais em toda a UE, com a consequente salvaguarda da saúde pública. Tratou-se assim de uma verdadeira reforma estrutural para induzir o uso responsável de antimicrobianos.

² **REGULAMENTO (UE) n.º 2019/04 DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO, DE 11 DE DEZEMBRO DE 2018**

• *Relativo ao fabrico, à colocação no mercado e à utilização de alimentos medicamentosos para animais, que altera o Regulamento (CE) n.º 1831/2003 do Parlamento Europeu e do Conselho e revoga a Diretiva 90/167/CEE do Conselho*

Para avaliar o efeito desta mudança regulamentar no terreno, foi conduzida uma análise comparativa da produção de AM em Portugal, confrontando os dados existentes de 2017 e 2018 (pré-regulamento) com os de 2023 e 2024 (pós-regulamento). Os resultados obtidos traduzem o impacto direto da aplicação da legislação e o compromisso do setor nacional com esta transição. Os dados foram recolhidos através de inquéritos aos estabelecimentos aprovados para a produção de AM (comparando n = 83 no período pré-regulamento e n = 75 no período pós-regulamento; **Figura 1**).

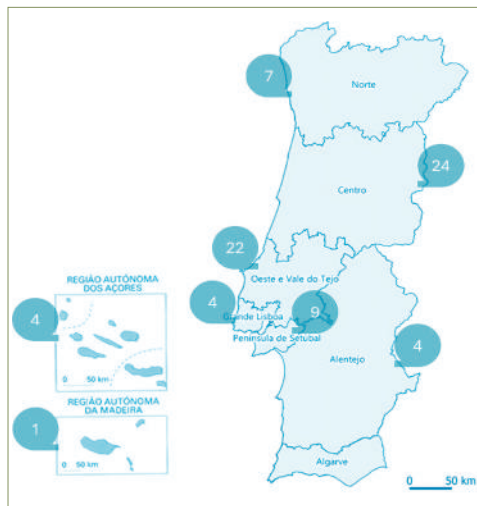


Figura 1. Distribuição nacional dos operadores aprovados para o fabrico de alimento medicamentoso a agosto de 2025.

¹ Direção-Geral de Alimentação e Veterinária – Direção de Serviços de Nutrição e Alimentação/Divisão de Alimentação Animal, Tapada da Ajuda, Edifício 1 DGAV, 1349-018 Lisboa, Portugal.

² Direção-Geral de Alimentação e Veterinária – Divisão de Gestão e Autorização de Medicamentos Veterinários, Avenida António Serpa, 26, 1.º, 1050-027 Lisboa, Portugal.



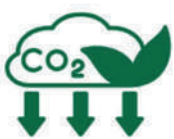
SSOY



YOUR GLOBAL SUSTAINABILITY SOLUTION.

Sustainable farming practices are foundational to the growth and production of U.S. Soy. Recently, the U.S. Soybean Export Council (USSEC) mapped U.S. Soy's strategic objectives directly to the U.N. Sustainable Development Goals (SDGs) - 17 goals that aim to end poverty, protect the planet, and ensure all people enjoy peace and prosperity by 2030. With the strategic objectives tied directly to specific SDGs and the targets under those goals, the U.S. Soy industry has identified areas where we can have the greatest impact in supporting progress toward global sustainable development.

Since 1980, U.S. Soy farmers have:



Reduced greenhouse gas (GHG) emissions per bushel by 42%



Increased land use efficiency by 47%



Improved energy use efficiency by 45%



Improved soil conservation by 35%

SUSTAINABLE U.S. SOY

Sourcing verified sustainable U.S. Soy that meets EU sustainability requirements is simple with the U.S. Soy Sustainability Assurance Protocol (SSAP). The SSAP certificate offers an origin specific, sustainability verification of U.S. Soy. Indicate to your soy supplier that you require a U.S. Soy SSAP certificate for your U.S. soy purchase.

For more info, visit USSOY.org

A Mudança em Números: O Impacto Estrutural a Nível Nacional

O primeiro e mais significativo resultado desta análise comparativa reflete o sucesso da nova regulamentação: **o volume de produção de AM em Portugal sofreu uma redução de 49%**, o que demonstra o alinhamento do setor com as metas de saúde pública e o uso prudente de antimicrobianos (Figura 2).

A produção anual para o biénio 2017 e 2018 (média de 376 mil toneladas), que estava em patamares elevados, foi diminuída para metade para o biénio 2023 e 2024 (média de 192 mil toneladas). Este resultado é particularmente interessante pois ocorreu num contexto de **aumento da produção anual total de alimento composto no país** (de 3 591 mil para 4 514 mil toneladas em média, para cada um dos biénios em estudo). Isto significa que a redução não é um reflexo da diminuição da atividade pecuária, mas sim uma evidência clara e mensurável de que as novas regras estão a funcionar, promovendo o uso racional e diminuindo a dependência de antimicrobianos veiculados através de AM, na alimentação dos animais produtores de géneros alimentícios.

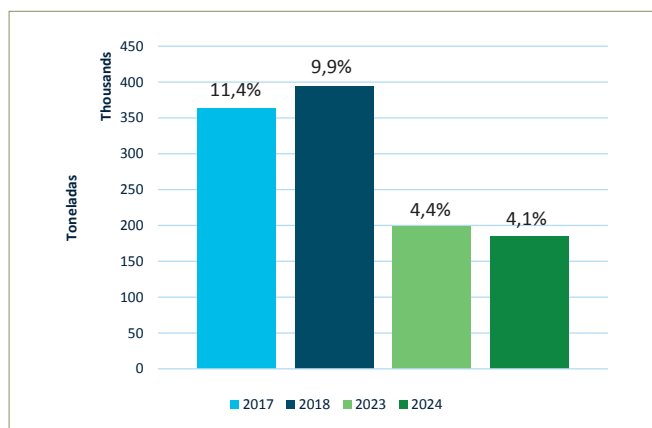


Figura 2. Produção Nacional de Alimento Medicamentoso (milhares de toneladas) e respetiva proporção na correspondente produção de Alimento Composto (%).

Análise por Sector Agropecuário

Embora a redução global seja inequívoca, a análise setorial por espécie animal revela onde o esforço do uso prudente se concentra e onde a monitorização deve ser intensificada:

- **Suínos:** O setor suinícola, embora apresente uma **diminuição de 48,2%**, continua a ser o maior consumidor de AM, responsável por aproximadamente **80% do volume total** de AM produzido no biénio 2023-2024 (Figura 3). A sua dimensão justifica que qualquer estratégia de uso prudente se mantenha fortemente focada nesta área.
- **Aves:** As explorações avícolas registaram uma **diminuição de 79,6%** no consumo de AM. Esta percentagem é um indicador positivo do sucesso na implementação de melhores práticas de manejo e biossegurança. No entanto, é importante alertar para o uso de antimicrobianos veiculado por outras vias de administração, tal como através da água de bebida. Na verdade, 90 e 93% da quantidade de antimicrobianos prescritos para galinhas foram

referentes à forma farmacêutica “solução oral”, nos anos de 2023 e 2024, respetivamente.

- **Coelhos:** O setor cunícola merece uma vigilância especial. Observou-se um **aumento de 23,5%** na produção de AM para coelhos. Mais preocupante ainda, o AM representa uma percentagem elevada neste nicho de mercado, correspondendo a **22,2% do alimento composto produzido** em média no biénio 2023-2024. Esta taxa sublinha que o uso prudente ainda não está consolidado neste setor e aponta para a necessidade de ações específicas, incluindo o reconhecimento da utilização de AM provenientes de outros Estados-membros.
- **Bovinos e pequenos ruminantes:** O setor dos ruminantes assume uma percentagem diminuta no consumo de AM face ao global produzido (ex.: 3,23 e 3,59% do total de AM produzido em 2017 e 2024, respetivamente). Em todo o caso, verificou-se uma **diminuição de 70,5% nos caprinos** e de **61,9% nos bovinos** e um **aumento de 1,3% nos ovinos**.
- **Peixes:** O setor dos peixes para aquicultura apresenta um **aumento de 2,1%**. Contudo havendo só um fabricante de AM atualmente ativo, julga-se que os dados obtidos não possam ser representativos do setor, ao que acresce o facto de ser reconhecida a utilização regular de AM provenientes de trocas intracomunitárias em peixes de aquicultura nacional. Assim, este é igualmente um setor a necessitar de monitorização específica.

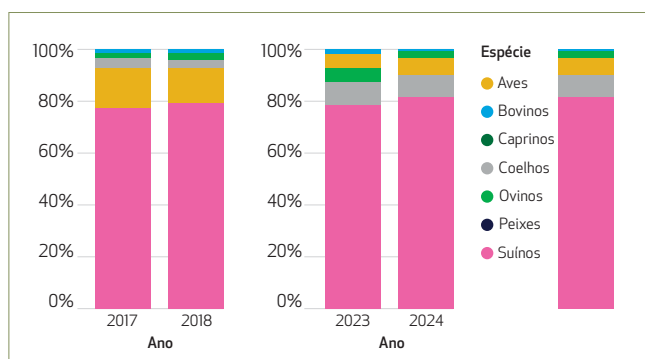


Figura 3. Proporção de alimento medicamentoso produzido por espécie animal produtora de géneros alimentícios nos anos pré - (2017-2018) e pós-entrada (2023-2024) do Regulamento (UE) 2019/4.

A Evolução nas Classes de Risco

De salientar que o sucesso da nova regulamentação vai além da simples redução de volume de AM produzidos e utilizados a nível nacional; também reside na alteração do perfil de risco dos antimicrobianos utilizados (Figuras 4 e 5). A Agência Europeia de Medicamentos (EMA) classifica os antimicrobianos em categorias (A, B, C e D) segundo o risco de resistência para a saúde pública. A Classe A é a mais restritiva, enquanto a Classe D é recomendada como a primeira linha de tratamento. Esta categorização é a ferramenta essencial para assegurar uma utilização verdadeiramente prudente.

O resultado mais significativo do período pós-Regulamento foi a diminuição considerável no uso da colistina (pertencente à Classe B) veiculada no alimento medicamentoso. Esta classe inclui os antimicrobianos considerados Criticamente Importantes e cuja utilização

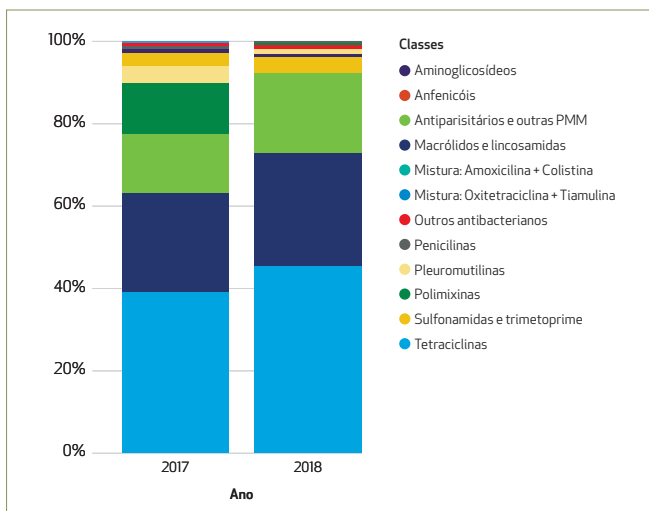


Figura 4. Proporção das classes de antimicrobianos utilizadas AM nos anos de 2017-2018.

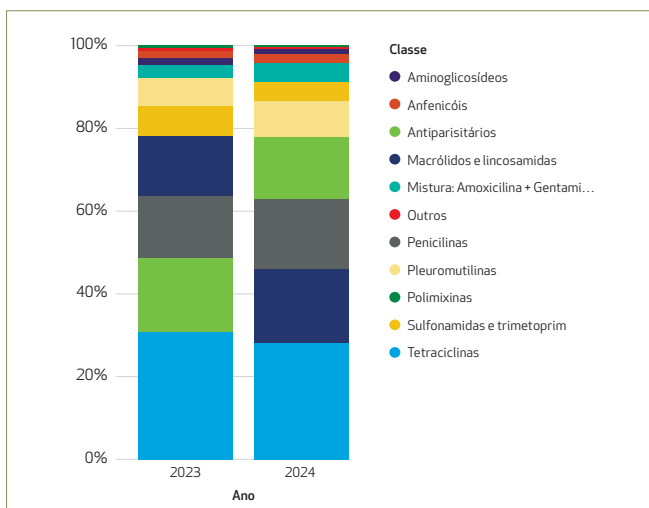


Figura 5. Proporção das classes de antimicrobianos utilizadas AM nos anos de 2023-2024.

deve ser restrita para preservar a sua eficácia em medicina humana. O afastamento do setor da colistina demonstra um compromisso claro e eficaz com a saúde pública. Ao reduzir a exposição a esta classe crítica, Portugal contribui ativamente para a mitigação do risco de desenvolvimento de resistência que poderia comprometer o tratamento de infeções humanas graves.

Atualmente, o consumo de antimicrobianos através do alimento medicamentoso concentra-se nas Classes C e D, que incluem substâncias como macrólidos e tetraciclínas. Este é o perfil desejável, indicando que a grande maioria dos tratamentos necessários é agora efetuada com antimicrobianos de menor importância crítica para a medicina humana, equilibrando a saúde animal com a responsabilidade global da RAM.

Conclusão

O Regulamento (UE) 2019/4 representa um marco incontornável na gestão dos antimicrobianos veiculados através de alimentos medicamentosos em Portugal. A análise comparativa dos períodos anterior e posterior à sua aplicação prova que a transição foi bem-sucedida, resultando numa redução de 49% no volume de AM produzido o que demonstra o alinhamento do setor com as metas de saúde pública e o uso prudente de antimicrobianos. O setor pecuário português demonstrou a sua capacidade de adaptação, nomeadamente através da notável diminuição na utilização de antimicrobianos de importância crítica (Classe B – colistina). Este é um testemunho claro do compromisso do setor com o conceito **One Health**. Contudo, a jornada pelo uso prudente exige vigilância contínua. Os resultados apontam para a necessidade de atenção especial em nichos específicos, como o setor dos coelhos e dos peixes de aquicultura, para garantir que as melhores práticas se consolidam em todas as espécies. Em suma, a nova regulamentação não só aumentou a proteção da saúde humana, animal e ambiental, como posicionou Portugal na vanguarda do uso responsável de antimicrobianos na Europa.





PREMIX

Especialidades Agrícolas e Pecuárias, Lda.

Empresa portuguesa com raízes belgas.

Fabricantes – Exportadores

- Premixes de vitaminas e/ou oligo-elementos – Concentrados – Minerais – Ingredientes naturais.
- Linha tradicional – Linha económica
- Linha top – Linha profissional – Linha ecológica.
- Composições garantidas.
- Qualidade inerente

Assistência técnica aos clientes, como:

- Formulação ideal
- Análises laboratoriais + esclarecimento
- Apoio zootécnico, biólogo e veterinário com nível universitário e experiência prática de campo em Portugal, Bélgica, Brasil e E.U.A.

Para o nosso cliente:

- Criar valor acrescentado.
- Maior sucesso e rendimento.
- Mais benefícios, graças à nossa estrutura leve, e assim, produtos com rácio conteúdo/custo mais vantajoso.

NUTRIÇÃO ANIMAL

CONSULTADORIA

OBJECTIVOS








VIANA DO CASTELO
 PARQUE INDUSTRIAL II – NEIVA
 P-4935-232 VIANA DO CASTELO
 @-mail: premix@premixportugal.com
 Webpage: https://premixportugal.com

ENQUADRAMENTO DO PROJETO FEEDVALUE

O projeto, que terminou em dezembro de 2025, pretendeu contribuir de forma direta e estruturada para a **Iniciativa Emblemática 5 – Agricultura Circular**, enquadrando-se especificamente na **Linha de Ação 5.5 – Subprodutos**, que promove a valorização de coprodutos numa lógica de cascata de valor e de abordagem integrada dos sistemas de produção, incluindo a articulação entre a alimentação animal e os serviços de ecossistema.

A execução foi realizada em articulação com o projeto PRR-C05-i03-l-000242-LA5.1, **FeedValue – Utilização de subprodutos não adequados para a alimentação animal como fertilizantes orgânicos**, resultando de uma abordagem integrada face aos desafios associados à gestão de coprodutos gerados pela indústria agroalimentar.

De facto, a indústria agroalimentar produz volumes significativos de coprodutos que, na ausência de estratégias de valorização adequadas, são frequentemente encaminhados para eliminação, originando impactos ambientais e económicos muito relevantes. Neste contexto, ambas as iniciativas

tiveram como objetivo identificar, caracterizar e promover soluções sustentáveis para a valorização destes coprodutos.

No projeto foi realizado um trabalho de mapeamento de coprodutos, a valorização de coprodutos da indústria agroalimentar, através da sua incorporação segura e eficiente na alimentação animal, em particular de bovinos e ovinos, visando contribuir para a redução do desperdício e para o aumento da eficiência na utilização dos recursos.

Os resultados obtidos e que poderão ser consultadas no site do Projeto, em www.feevalue.com demonstram que os coprodutos apresentam elevado potencial de reutilização na formulação de alimentos para animais, contribuindo para a redução do desperdício alimentar, a mitigação de impactos ambientais e o reforço dos princípios da economia circular, em consonância com os objetivos estratégicos do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR). O projeto promoveu ainda a proximidade entre a investigação e o setor produtivo, facilitando a transferência de conhecimento e a disseminação de

Linha de ação 5.5	Parceiros ¹
Ação 1: Mapeamento de subprodutos	
Tarefa 1.1 – Compilar e sistematizar a informação	FI, IACA
Tarefa 1.2 – Análises nutricionais aos subprodutos	FI, Nut, Ind, UTAD
Tarefa 1.3 – Avaliação de formas de conservação dos subprodutos	FI, Ind, ASB
Ação 2: Avaliação do ciclo de vida dos alimentos produzidos	
Tarefa 2.1 – Determinar as emissões de CO ₂ eq/kg dos alimentos compostos	IACA, FI, Nut
Tarefa 2.2 – Definir e aplicar equações IPCC para o cálculo de emissões de metano	IACA, FI, Nut
Ação 3: Avaliação de substâncias com potencial de mitigação	
Tarefa 3.1 – Identificar moléculas prebióticas provenientes de subprodutos	UA
Tarefa 3.2 – Avaliação in vitro de prebióticos e inorgânicos com potencial de mitigação	FI, UA
Tarefa 3.3 – Estabelecer relações estrutura-função de oligossacarídeos com atividade prebiótica	UA
Ação 4: Determinar as emissões diretas de CH₄ e CO₂	
Tarefa 4.1 – Formular 5 dietas nutricionalmente equilibradas com incorporação de subprodutos	Nut, OG
Tarefa 4.2 – Ensaio com bovinos com as dietas selecionadas	UTAD
4.2.1) Realização de 5 ensaios in vivo com bovinos para avaliação da resposta produtiva e da emissão de metano	
4.2.2) Avaliação in vitro do efeito da inclusão dos diferentes subprodutos	
Tarefa 4.3 – Ensaio com ovinos com as dietas selecionadas	IPV
4.3.1) Realização de 5 ensaios experimentais in vivo para avaliação da performance zootécnica e emissão de metano entérico	
4.3.2) Avaliação do efeito de diferentes subprodutos alimentares na emissão de gases de dejeções animais	
Ação 5: Contribuição com dados de emissões de metano para bases de dados nacionais	Todos os parceiros
Tarefa 5.1 – Avaliar os resultados dos ensaios animais, ajustar fórmulas e selecionar alimentos	
Tarefa 5.2 – Avaliação de custos da utilização de subprodutos	
Ação 7: Comunicação e sensibilização	CNCACSA/todos os parceiros
Tarefa 7.1. Sensibilização dos operadores de mercado	
Tarefa 7.2. Ações de divulgação e disseminação	

¹ FI – FeedInov (Associação para a Investigação e Inovação em Nutrição e Alimentação Animal); IACA – Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais; Nut – Nutrinova – Nutrição Animal, S.A.; Ind – INDU-MAPE – Industrialização de Fruta, S.A.; ASB – AgristarBio; UTAD – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; UA – Universidade de Aveiro; IPV – Instituto Politécnico de Viseu; OG – Ovargado, S.A.; CNCACSA – Centro Nacional de Competências para as Alterações Climáticas no Setor Agroflorestal

MEET YOUR NEW NUTRITION TEAM

A 1,4-beta-glucanase

MAX



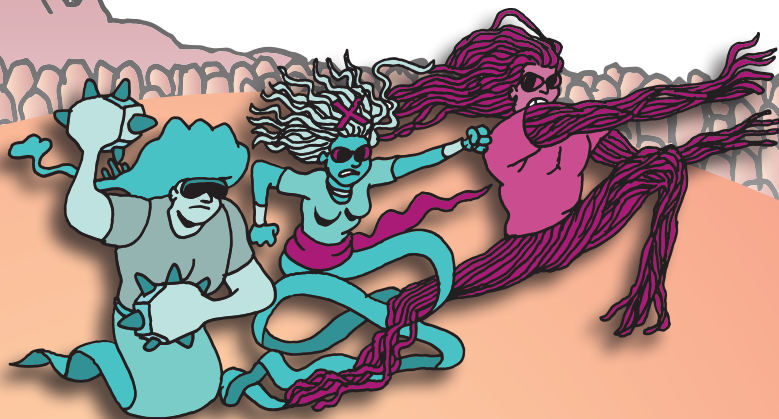
A highly efficient 1,4-beta-xylanase

ISABEL



A xyloglucan-specific 1,4-beta-glucanase

ACE



**TOGETHER
WE ARE**

Huvezym®

neXo

And we make sure animals take the most out of fibre, assuring optimized performance and a healthier gut.

resultados. Para tal, contou com uma equipa multidisciplinar que integrou diversos intervenientes, desde os produtores de coprodutos aos seus utilizadores finais, incluindo as áreas de conservação e transformação.

No final de dezembro, devido a diversos constrangimentos, algumas das tarefas não estavam plenamente cumpridas, mas continuam a ser executadas, pelo que deverão estar concluídas à data de termo da operação, final de junho de 2026.

Além das tarefas previstas no cronograma, a UTAD, na qualidade de entidade coordenadora do projeto, com o envolvimento do Gabinete de Projetos e Financiamento Externo (GPFE) e da responsável do projeto, prestou por contacto telefónico, correio eletrónico e videoconferência apoio aos parceiros do projeto, na preparação dos documentos necessários à execução do mesmo. Foram realizadas reuniões (*kick-off meeting* e outras), onde se analisaram os constrangimentos sentidos e se procuram estratégias para a sua superação. O plano de atividades do projeto contemplou as linhas de ação e tarefas que se apresentam no Quadro apresentado na página anterior.

Conclusões sobre o projeto desenvolvido e perspetivas futuras

O projeto desenvolvido permitiu demonstrar, de forma consistente, o elevado potencial de valorização de subprodutos agroindustriais na alimentação animal, contribuindo para a implementação de modelos produtivos mais circulares, eficientes e ambientalmente sustentáveis. Num contexto nacional em que a utilização destes recursos permanece ainda limitada, os resultados obtidos constituem um contributo relevante para a

superação de constrangimentos associados à falta de informação técnica, nutricional e ambiental, alinhando-se plenamente com os objetivos da **Linha de Ação 5.5 – Subprodutos** do PRR.

O mapeamento e a caracterização nutricional de coprodutos provenientes de setores estratégicos, como a vitivinicultura, a fruticultura e a indústria cervejeira, permitiram identificar fluxos com elevado potencial de incorporação em dietas para ruminantes. Paralelamente, os ensaios de secagem realizados evidenciaram a viabilidade desta tecnologia como método de conservação, embora tenham igualmente salientado a necessidade de aprofundar o desenvolvimento de protocolos específicos, sobretudo para coprodutos com elevado teor de humidade.

A avaliação ambiental, nomeadamente através do cálculo da pegada de carbono de alimentos compostos com incorporação de drèches de cerveja, confirmou que a utilização destes subprodutos não compromete o desempenho ambiental das dietas. Estes resultados reforçam a importância de integrar ferramentas de análise ambiental na avaliação de estratégias de alimentação animal, promovendo uma abordagem sistémica e baseada em evidência.

Os ensaios de alimentação animal, obtidos com ovinos, demonstraram que a incorporação de bagaço de uva, bagaço de maçã e dréche de cerveja pode ser realizada sem efeitos negativos no desempenho produtivo dos animais, evidenciando boa aceitação e eficiência de utilização da matéria seca. De particular relevância foi a redução significativa das emissões entéricas de metano observada para níveis de inclusão mais elevados de bagaço de uva, bagaço de maçã e dréche de cerveja, evidenciando o **papel**

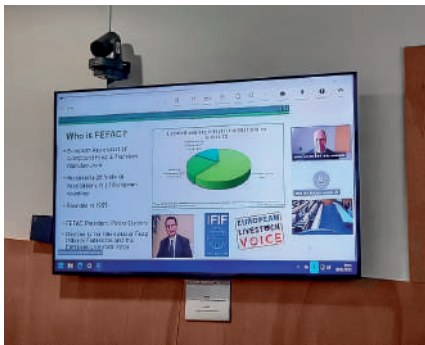
destes coprodutos como ferramentas de mitigação de gases com efeito de estufa no setor pecuário. Em vários casos, as respostas observadas revelaram um carácter dose-dependente, sublinhando a importância da definição de níveis ótimos de incorporação. A obtenção de resultados em ensaios com bovinos (ainda em decurso) poderá vir a reforçar estas conclusões.

Adicionalmente, a exploração de vias alternativas de valorização em cascata, nomeadamente através da produção de carvões ativados a partir de bagaço de maçã com potencial de adsorção de CO₂ e CH₄, demonstrou o valor acrescentado de abordagens integradas que articulam a alimentação animal com a prestação de serviços de ecossistema e a mitigação das alterações climáticas.

Em termos de perspetivas futuras, os resultados obtidos apontam para a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a variabilidade nutricional dos coprodutos, otimizar tecnologias de processamento e conservação e expandir as avaliações ambientais a um maior número de fluxos residuais. Revela-se igualmente pertinente a realização de ensaios a maior escala e em diferentes fases produtivas dos animais, de modo a consolidar recomendações técnicas robustas para o setor.

Globalmente, o projeto confirma que a valorização de subprodutos agroindustriais na alimentação animal constitui uma estratégia-chave para a transição para sistemas agropecuários mais sustentáveis, resilientes e circulares, reforçando a integração entre cadeias de valor agroalimentares e contribuindo de forma efetiva para os objetivos estratégicos do PRR e da Agricultura Circular em Portugal.





GEE, e Jorge Antunes, do Food4Sustainability, apresentou a Utilização de coprodutos não adequados para a alimentação animal como fertilizantes orgânicos. A terminar, teve lugar uma Mesa-Redonda, moderada por Jaime Piçarra (IACA) que contou com a participação de Ana Cristina Monteiro (FeedInov), Filipe Martins (Nutrinova), Oswaldo Trábulo (Indupame) e Patrícia Terra (Ovargado) que falaram da experiência de participação no Projeto, expectativas, resultados obtidos e próximas etapas. Foi um evento muito participado, com um debate e discussão bastante viva e animada, muito gratificante.

Ficou a ideia e a certeza de que com o Projeto ficou uma parceria que deve continuar, eventualmente no quadro de outros projetos, uma vez que a economia circular é um elemento central para a competitividade, sustentabilidade da alimentação animal e produção pecuária e a melhoria da sua imagem junto do consumidor e da Sociedade.

Jaime Piçarra



Innovación y confianza, la esencia de Lucta

Estas foram as principais conclusões, confirmadas no âmbito do Seminário final do Projeto que se realizou na UTAD no dia 10 de dezembro e que contou com diversas intervenções.

Depois da Sessão de Abertura, em que participaram Ana Sofia Santos (FeedInov), Jaime Piçarra (IACA) e Maria José Gomes (UTAD), seguiu-se uma palestra de enquadramento de Anton van Den Brink (FEFAC) sobre as soluções de circularidade da alimentação animal para uma pecuária sustentável, no qual destacou o papel da economia circular e utilização de coprodutos. Em seguida, teve lugar a apresentação e discussão de resultados, com o Mapeamento de coprodutos (Ana Cristina Monteiro, FeedInov), a Avaliação do ciclo de vida dos alimentos (Ana Raquel Rodrigues, FeedInov) e Avaliação de substâncias com potencial de mitigação de emissões de GEE (Elizabete Coelho, Universidade de Aveiro). Da parte da tarde, tiveram lugar visitas técnicas, designadamente aos ovinos e bovinos, com destaque para a utilização do GreenFeed nos bovinos, seguindo-se a segunda parte da apresentação e discussão de resultados. Carla Garcia, do Instituto Politécnico Visu, abordou o Efeito da utilização de coprodutos em dietas de ovinos nas emissões de



Lucta

COMBATENDO O PRRS: ESTRATÉGIAS IMUNONUTRICIONAIS FRENTE A ESTIRPES VIRULENTAS COMO "ROSALÍA"



Samuel Correa

Introdução

A Síndrome Reprodutiva e Respiratória Suína (PRRS) representa um importante desafio sanitário a nível global, com impacto económico significativo devido a perdas reprodutivas, aumento da morbilidade e mortalidade e diminuição do desempenho produtivo. O PRRSV, vírus de RNA (~15 kb, família *Arteriviridae*), apresenta elevada variabilidade genética, favorecendo o surgimento de variantes com diferentes níveis de virulência, tropismo tecidual e capacidade de evasão imunitária.

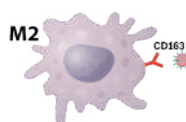
A estirpe PRRSV-1 "Rosalia", identificada em Espanha em 2020, esteve associada a surtos graves em explorações estáveis, com taxas de aborto superiores a 27%, mortalidade de porcas reprodutoras até 6,5% e mortalidade de leitões em aleitamento entre 28-50% (3,4). Estes dados reforçam a necessidade de estratégias complementares à vacinação convencional, integrando manejo e imunonutrição.



Por que razão se recomenda uma abordagem holística?

Embora as vacinas contra o PRRSV sejam eficazes, a proteção em campo é limitada pela variabilidade viral e por fenómenos imunológicos complexos, como o ADE (*Antibody-Dependent Enhancement*). Anticorpos subneutralizantes podem facilitar a entrada viral nos macrófagos e reduzir a produção de interferão- γ e outras citocinas antivirais (5,6). Estratégias que integrem vacinação, manejo e imunonutrição são essenciais para um controlo eficaz do PRRS.

Mecanismo infeccioso e imunológico do PRRSV



O PRRSV entra principalmente por via respiratória (aerossóis ou contacto nasal), infectando macrófagos alveolares e monócitos através do receptor CD163, altamente expresso em células do tipo M2. Os monócitos circulantes podem aumentar a expressão de CD163 após ativação, aumentando a sua suscetibilidade ao vírus.

Uma vez no interior do macrófago, o PRRSV favorece a polarização para o fenótipo M2, com aumento de IL-10 e TGF- β e redução de IL-12 e IFN- γ , criando um ambiente tolerogénico que limita a imunidade celular antiviral e facilita a persistência viral (2,8). Anticorpos subneutralizantes podem aumentar a infecciosidade via ADE, suprimindo interferões do tipo I e outras citocinas antivirais.

Em fêmeas gestantes, o vírus atinge a placenta, infectando células de Hofbauer – equivalentes a macrófagos tipo 2 com receptor CD163 – e gerando um microambiente pró-inflamatório. Esta inflamação local e o stress oxidativo contribuem para abortos, natimortos, fetos mumificados e leitões fracos, salientando a importância de estratégias que apoiem a imunidade e a função placentária durante a gestação.



Estratégias imunonutricionais para contrariar a imunossupressão induzida pelo PRRSV

Dado o impacto do PRRSV sobre a imunidade inata e adaptativa (inibição do eixo Th1/M1, aumento de IL-10, excesso de espécies reativas de oxigénio e disfunção mitocondrial), tem aumentado o interesse na utilização de ferramentas nutricionais funcionais como complemento à vacinação e ao manejo.

Neste contexto, a NBG desenvolveu o **ImmunoShield T-Boost**, uma solução inovadora que combina três pós-bióticos exclusivos (PS-NBG1, PS-NBG2 e PS-NBG3) para atuar de forma sinérgica na proteção dos suínos face ao PRRSV, incluindo variantes altamente virulentas como a estirpe "Rosalia".

O **ImmunoShield T-Boost** reforça a imunidade celular, fornece suporte metabólico e antioxidante

NBG inspired by nature 

Brandsweet Aditivos Alimentares, Lda

e protege a função placentária, criando um ambiente imunológico mais equilibrado e resistente à infeção.

PS-NBG1 – ativação do eixo M1-Th1-CD8*

O PS-NBG2 fornece suporte energético e metabólico para a rápida expansão das células imunitárias e síntese de mediadores antivirais, prevenindo o esgotamento precoce da resposta imune. Adicionalmente, atua como antioxidante, reduzindo o stress oxidativo induzido pelo PRRSV. Estudos demonstram aumento de linfócitos CD8⁺ e IFN- γ , com redução de IL-10, preservação da integridade das barreiras tecidulares e regeneração celular após dano viral.

PS-NBG2 – suporte imunometabólico e antioxidante

O PS-NBG2 fornece suporte energético e metabólico para a rápida expansão das células imunitárias e síntese de mediadores antivirais, prevenindo o esgotamento precoce da resposta imune. Adicionalmente, atua como antioxidante, reduzindo o stress oxidativo induzido pelo PRRSV. Estudos demonstram aumento de linfócitos CD8⁺ e IFN- γ , com redução de IL-10, preservação da integridade das barreiras tecidulares e regeneração celular após dano viral.

PS-NBG3 – função mitocondrial e stresse oxidativo na gestação

Durante a infeção transplacentária, o PS-NBG3 otimiza a respiração mitocon-

drial, reduzindo a formação de radicais livres e protegendo os tecidos do dano oxidativo. Isto contribui para manter a placenta funcional, reduzir a inflamação e favorecer um microambiente mais estável para o desenvolvimento fetal.

Avaliação em exploração da estratégia imunometabólica (ImmunoShield T-Boost)

Para avaliar a estratégia imunometabólica, foi realizado um ensaio de campo numa exploração comercial espanhola com 2.500 porcas reprodutoras afetadas pela estirpe Rosalía do PRRSV, comparando os surtos de inverno de 2024 e 2025. (Gráfico 1).

Os resultados produtivos e sanitários evidenciaram diferenças marcantes relativamente ao ano anterior:

- **Abortos por PRRSV:** Em 2024, a taxa de abortos atingiu picos de 20-25%, com redução gradual ao longo de várias semanas, indicando recuperação reprodutiva lenta. Em 2025, o surto apresentou maior virulência, com pico próximo de 40%. Contudo, após o início da suplementação com T-Boost (\approx semana 7), a taxa diminuiu rapidamente para valores inferiores a 5%, estabilizando em níveis residuais. Esta recuperação acelerada sugere proteção da função placentária e manutenção da viabilidade gestacional, apesar da infeção ativa.
- **Percentagem de nados-vivos:** No surto de 2024, os nados-vivos desceram para cerca de 63% no pior momento, com recuperação lenta



e permanência prolongada abaixo de 80%. Em 2025, com T-Boost, a recuperação foi mais rápida, evoluindo de \sim 73% para valores estáveis entre 83-85%, indicando maior viabilidade fetal.

- **Mortalidade em leitões em aleitamento:** Em 2024, a mortalidade atingiu \sim 20% no pico e reduziu gradualmente até \sim 14%. Em 2025, embora a mortalidade inicial tenha alcançado \sim 24%, após duas semanas de suplementação diminuiu para \sim 10%, atingindo $<$ 5% nas semanas seguintes. Esta redução sugere leitões mais vigorosos e menor impacto da infeção transplacentária.

Em conjunto, os dados de campo sustentam a eficácia da estratégia imunonutricional multifocal, mesmo perante a variante Rosalía.

Conclusões

O PRRSV, especialmente nas variantes altamente virulentas, continua a representar um desafio complexo devido à sua elevada capacidade de mutação, disseminação e modulação da resposta imunitária. A estirpe “Rosalía” evidenciou o impacto significativo que um PRRS de elevada virulência pode causar nos parâmetros reprodutivos e respiratórios. As estratégias imunonutricionais da NBG constituem um complemento promissor no controlo da doença. A ativação do eixo Th1/M1 (PS-NBG1), o suporte imunometabólico (PS-NBG2) e a proteção mitocondrial e antioxidante (PS-NBG3) atuam de forma sinérgica, estando associadas à redução de abortos, melhoria da sobrevivência neonatal e recuperação produtiva mais rápida. As estratégias imunonutricionais da NBG constituem um complemento promissor no controlo da doença. A ativação do eixo Th1/M1 (PS-NBG1), o suporte imunometabólico (PS-NBG2) e a proteção mitocondrial e antioxidante (PS-NBG3) atuam de forma sinérgica, estando associadas à redução de abortos, melhoria da sobrevivência neonatal e recuperação produtiva mais rápida.

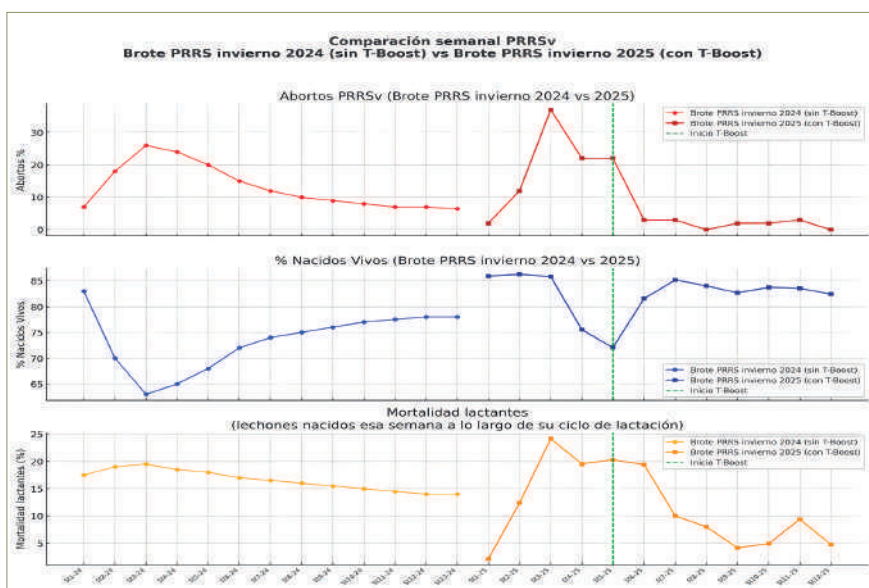


Gráfico 1. Comparação de abortos, nados-vivos e mortalidade de leitões em aleitamento numa exploração infetada com PRRSV estirpe Rosalía (2024 vs. 2025; sem e com ImmunoShield T-Boost)

UTILIZAÇÃO DAS MICROALGAS *NANNOCHLOROPSIS OCEANICA* E *TETRASELMIS* SP. NA ALIMENTAÇÃO DE LEITÕES DESMAMADOS: AVALIAÇÃO DO VALOR NUTRITIVO E DA DIGESTIBILIDADE

Andreia A. M. Chaves¹, Cátia F. Martins^{2,3}, Margarida R. G. Maia^{1,4}, Susana P. Alves^{2,3}, António J. M. Fonseca⁵, Ana R. J. Cabrita⁵, Rui J. B. Bessa^{2,3}, André M. de Almeida^{1,4}, João P. B. Freire^{1,4}

A procura de produtos de origem animal irá aumentar nas próximas décadas por força do crescimento da população mundial e da melhoria das condições de vida. Tal procura ocorre principalmente em produtos como a carne de aves e suínos, visto terem um maior consumo *per capita* a nível mundial. A carne de suínos representa hoje cerca de um terço da produção global de carne. Adicionalmente, a crescente preocupação com o bem-estar animal, sustentabilidade e qualidade destes produtos por parte dos consumidores, pressiona todo o setor produtivo a tornar-se progressivamente mais eficiente. Assim, torna-se fundamental inovar nos sistemas de produção, contribuindo para estabelecer soluções alternativas mais eficientes, sustentáveis e viáveis. A produção de monogástricos, tais como suínos e aves, depende, em larga escala, de matérias-primas convencionais, tais como o milho e o bagaço de soja. Estas matérias-primas são utilizadas na formulação das dietas fornecidas a estes animais. A utilização destes ingredientes está interligada com fatores de grande impacto, competindo diretamente com a alimentação humana e apresentando uma pegada ambiental significativa. Para além disso, a necessidade de vastas áreas agrícolas e de quantidades elevadas de água doce para o seu cultivo, além da produção estar concentrada apenas em locais específicos do planeta, leva à obrigatoriedade de trocas comerciais transcontinentais e dependência das

oscilações das suas cotações no mercado. Encontrar alternativas produzidas localmente e ricas em proteína e energia é, pois, um dos grandes desafios atuais da formulação de alimentos compostos.

O papel das microalgas na nutrição de leitões

As primeiras semanas após o desmame são um dos períodos mais críticos da produção suína (figura 1). Com efeito, a mudança de uma dieta à base de leite materno para uma dieta sólida, baseada em cereais e oleaginosas, representa um grande desafio para o sistema digestivo imaturo do leitão. Nesta fase, as dietas devem ser formuladas com ingredientes de elevada qualidade, altamente digestíveis e ricos em nutrientes essenciais, de forma a garantir crescimento, saúde intestinal e eficiência alimentar. Tradicionalmente, recorrem-se a proteínas lácteas (soro de leite, caseína), a pequenas quantidades de bagaço de soja e a cereais processados, equilibrados com aminoácidos essenciais. Paralelamente, têm sido introduzidos aditivos como probióticos, prebióticos ou ácidos orgânicos, que ajudam a estabilizar a microbiota intestinal e a mitigar os efeitos do stress do desmame.

Nos últimos anos, têm-se procurado ingredientes alternativos aos convencionais, capazes de assegurar valor nutricional e, ao mesmo tempo, responder às exigências acima referidas. Alternativas como microalgas, algas, insetos ou coprodutos agroindustriais têm sido estudadas para esta finalidade. As microalgas destacam-se pelo seu perfil nutricional e funcional promissor e pela possibilidade



¹ LEAF—Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food Research Center, Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa, Portugal;

² CIISA—Centro de Investigação Interdisciplinar em Sanidade Animal, Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade de Lisboa, Avenida da Universidade Técnica, 1300-477 Lisboa, Portugal;

³ AL4Animals—Laboratório Associado para a Ciência Animal e Veterinária, Avenida da Universidade Técnica, 1300-477 Lisboa, Portugal;

⁴ Laboratório Associado TERRA, Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa, Portugal;

⁵ REQUIMTE, LAQV, ICBAS, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Rua Jorge Viterbo Ferreira, 228, 4050-313 Porto, Portugal.



Figura 1 – Principais problemas da fase de pós-desmame dos leitões.

B.I.O.Ig



Concentrado de Colostro 100% Natural.

Imunidade e Desempenho.

O sistema imunitário dos animais recém-nascidos da maioria da espécie mamífera é transmitido e desenvolvido apenas pelo colostro. O **B.I.O.Ig**, um produto concentrado de colostro bovino, consegue fornecer as substâncias bioativas necessárias como as imunoglobulinas e os fatores de crescimento.

Devido à nossa tecnologia avançada, todos os ingredientes são preservados ficando totalmente disponíveis. Cientificamente provado em diversos ensaios clínicos, o **B.I.O.Ig ajuda a imunidade e o desempenho dos animais nos primeiros dias de vida.**

Contacte-nos: João Maria Barreto · Technical Sales Manager · +351 910 884 754 · barreto@biochem.net

de uma produção local. São micro-organismos aquáticos fotossintéticos, com enorme diversidade bioquímica. Algumas espécies podem apresentar teores de proteína bruta superiores a 60% da matéria seca, com perfis de aminoácidos próximos de fontes convencionais de elevada qualidade, embora por vezes limitados em metionina e triptofano. Os lípidos são igualmente relevantes, destacando-se a presença de PUFA, em particular o EPA e o DHA em algumas das espécies, de reconhecido valor biológico. A fração de hidratos de carbono é variável e, em alguns casos, de digestibilidade reduzida devido à parede celular rica em polissacarídeos estruturais. Para além dos macronutrientes, as microalgas são ricas em minerais, vitaminas e compostos bioativos com propriedades antioxidantes e imunomoduladoras. Estas características são fundamentais para a nutrição de monogástricos, incluindo leitões recém-desmamados, uma fase em que a qualidade dos nutrientes e a funcionalidade digestiva são determinantes, tornando este ingrediente muito promissor.

A produção mundial de microalgas ronda as 56 mil toneladas anuais, das quais cerca de 30% se destina à alimentação animal. As espécies mais estudadas e produzidas incluem *Limnospira sp.*, *Chlorella vulgaris*, *Nannochloropsis sp.* e *Tetraselmis sp.*, que juntas representam a grande maioria da biomassa disponível. Esta produção pode ser realizada em sistemas abertos (tanques ou lagoas) ou em sistemas fechados (fotobiorreatores), com diferentes custos, riscos de contaminação e rendimentos. Apesar dos desafios de produção e custo, as microalgas apresentam a vantagem de poderem ser cultivadas localmente, com baixo consumo de recursos e integração em sistemas de economia circular.

Nos últimos anos, diversos estudos avaliaram a inclusão de microalgas em dietas de suínos. Em leitões desmamados, verificaram-se efeitos positivos na saúde intestinal e na modulação da resposta antioxidante, sem comprometer o desempenho até níveis de inclusão moderados (até 5%). Em animais em crescimento e engorda, os principais benefícios relacionam-se com a melhoria do perfil lipídico da carne, enquanto nos reprodutores existem indícios de efeitos benéficos na fertilidade e no sistema imunitário.

Caracterização nutricional da *Nannochloropsis oceanica* e da *Tetraselmis sp.*

Entre as microalgas com maior potencial para monogástricos, salientam-se a *Nannochloropsis oceanica* e a *Tetraselmis sp.*. A primeira distingue-se pelo elevado teor lipídico, com destaque para o EPA (20:5 n-3), enquanto a segunda apresenta uma composição equilibrada em proteína, hidratos de carbono e compostos bioativos. Ambas partilham, contudo, desafios relevantes: a parede celular rígida que limita a digestibilidade e a escassez de informação detalhada sobre o seu valor nutricional para suínos.

Apesar deste potencial, subsistem entraves à utilização alargada destas microalgas: custos de produção ainda elevados, variação composicional entre lotes, necessidade de tecnologias de colheita e processamento dispendiosas, e digestibilidade limitada. Estes fatores explicam a reduzida introdução das microalgas nas dietas comerciais, apesar do crescente interesse da comunidade científica e da própria indústria.

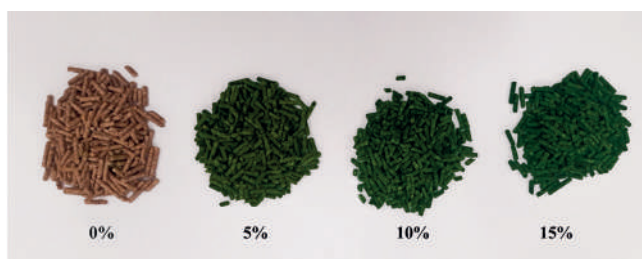


Figura 2 – Alimento composto fornecido aos leitões com níveis crescentes de incorporação de *Nannochloropsis oceanica*.

Neste contexto, tornou-se essencial avaliar o valor nutritivo real das diferentes espécies e o seu efeito na fisiologia dos animais. Este trabalho centrou-se precisamente na caracterização de *N. oceanica* e *Tetraselmis sp.* em leitões na fase do pós-desmame, através da incorporação destas microalgas nas suas dietas (figura 2). Ensaio individuais de digestibilidade foram realizados para cada microalga, no sector de Produção Animal do Instituto Superior de Agronomia, para avaliar os efeitos na digestibilidade, metabolismo energético, perfil lipídico e parâmetros fisiológicos dos animais.

Os ensaios demonstraram que *N. oceanica* é bem tolerada pelos leitões, não afetando a ingestão de alimento nem o ganho de peso, mesmo a níveis elevados de inclusão. Apesar de uma redução na digestibilidade aparente da matéria seca, da energia e do azoto com o aumento da inclusão, esta microalga apresentou uma matriz lipídica particularmente rica em EPA (20:5n-3), um ácido gordo essencial com propriedades anti-inflamatórias e imunomoduladoras, conferindo-lhe potencial como suplemento funcional (tabela 1). A análise histomorfológica revelou a manutenção da integridade das vilosidades intestinais, com tendência para aumento da altura das vilosidades ao nível do jejuno, sugerindo um efeito protetor por parte dos compostos bioativos da microalga sobre a mucosa intestinal. A produção de ácidos gordos voláteis, nomeadamente butirato, aumentou no cólon, indicando uma fermentabilidade parcial da matriz da microalga e sugerindo um efeito prebiótico. Assim, a microalga *N. oceanica*, apesar de apresentar valores energéticos metabolizáveis inferiores aos de matérias-primas convencionais (tabela 2), pode ser utilizada como ingrediente nutricional, pois o seu conteúdo de lípidos e perfil de ácidos gordos conferem-lhe valor adicional como fonte energética e funcional. Simultaneamente como

Tabela 1 – Composição química, energia bruta, EPA das microalgas estudadas.

	<i>Nannochloropsis oceanica</i>	<i>Tetraselmis sp.</i>
Matéria seca (%)	96,1	97,1
Cinza (% MS)	25,8	33,4
Proteína bruta (N × 4,78) ¹ (% MS)	24,9	27,7
Extrato etéreo (% MS)	19,4	7,4
Total AG (% MS)	12,0	1,66
EPA (% total AG)	28,9	6,22
Energia bruta (MJ/kg MS)	19,8	14,8

Abreviaturas: MS = matéria seca; N = Nitrogénio; AG = ácidos gordos; EPA = ácido eicosapentaenoico;

¹ Fator de conversão proteico para microalgas.

Tabela 2 – Valores nutricionais das microalgas estudadas, do leite em pó e do bagaço de soja.

	<i>Nannochloropsis oceanica</i>	<i>Tetraselmis</i> sp.	Leite em pó	Bagaço de soja
Proteína bruta digestível (% MS)	20,4	18,3	34,2	44,9
Energia digestível (MJ/kg MS)	12,74	9,0	17,4	16,8
Energia metabolizável (MJ/kg MS)	12,40	8,8	16,4	15,3

Abreviaturas: MS = matéria seca.

suplemento funcional, promovendo a saúde intestinal e potencial melhoria da qualidade da carne.

Por outro lado, a microalga *Tetraselmis* sp. revelou-se mais limitada enquanto substituto direto de ingredientes convencionais. Com efeito, a inclusão crescente desta microalga levou a reduções lineares na ingestão de alimento e no ganho médio diário, refletindo desafios de palatabilidade e digestibilidade, possivelmente relacionados com a presença de paredes celulares complexas, polissacarídeos resistentes e elevado teor de cinzas (tabela 2). Apesar disso, a *Tetraselmis* sp. mostrou efeitos funcionais interessantes: aumento da altura das vilosidades e da profundidade das criptas intestinais, bem como produção aumentada de butirato e valerato no ceco, sugerindo fermentação ativa de frações indigestas e efeito prebiótico. O perfil lipídico incluía quantidades relevantes de ácido α -linolénico, oleico e palmítico, conferindo potencial funcional, embora com níveis de EPA inferiores aos observados na *N. oceanica*. Estes resultados indicam que *Tetraselmis* sp. poderá ser mais adequada como suplemento funcional, utilizada em baixas percentagens de inclusão, promovendo a saúde intestinal, e não tanto como fonte nutricional.

A análise detalhada das microalgas revelou ainda desafios adicionais. O elevado teor de cinzas, particularmente em *Tetraselmis* sp. (até 33% na matéria seca), limita o valor nutricional, sub-representando a matéria orgânica e os nutrientes energéticos disponíveis. Além disso, a conversão de nitrogénio em proteína usando o fator padrão ($N \times 6,25$) tende a sobrestimar o conteúdo proteico real, uma vez que uma parte do nitrogénio das microalgas se encontra em compostos não proteicos. Estes fatores, juntamente com a baixa digestibilidade de certos polissacarídeos e compostos estruturais, indicam que a aplicação prática das microalgas em dietas comerciais requer uma avaliação cuidada da formulação e, potencialmente, tratamentos tec-

nológicos adicionais, tais como hidrólise enzimática ou rutura mecânica das células, por forma a aumentar a disponibilidade dos nutrientes. Em síntese, os resultados sugerem dois caminhos distintos para a utilização das microalgas em nutrição na fase de leitões pós-desmame. Por um lado, a *N. oceanica* apresenta valor nutricional elevado e perfil lipídico funcional, podendo ser incorporada em níveis moderados a altos como alternativa parcial a ingredientes convencionais, contribuindo para as componentes energética, proteica e de ácidos gordos essenciais. Por outro lado, a microalga *Tetraselmis* sp., apesar do valor nutricional limitado devido à digestibilidade reduzida, oferece benefícios funcionais significativos, podendo ser incluída, em reduzidas taxas, como suplemento prebiótico e modulador da microbiota intestinal. Este estudo fornece, assim, uma avaliação abrangente do valor nutricional e funcional de duas microalgas promissoras, estabelecendo bases sólidas para futuras aplicações práticas em dietas de suínos e estratégias nutricionais sustentáveis.

Referências bibliográficas

- Chaves, A.A.M.; Martins, C.F.; Carvalho, D.F.P.; Ribeiro, D.M.; Lordelo, M.; Freire, J.P.B.; de Almeida, A.M. A Viewpoint on the use of microalgae as an alternative feedstuff in the context of pig and poultry feeding—A Special emphasis on tropical regions. *Trop. Anim. Health Prod.* **2021**, *53*, 396. <http://dx.doi.org/10.1007/s11250-021-02800-5>.
- Chaves, A.A.M.; Ribeiro, D.M.; Martins, C.F.; Fernandes, T.; Maia, M.R.G.; Fonseca, A.J.M.; Cabrita, A.R.J.; Alves, S.P.; Pinho, M.; Bessa, R.J.B.; de Almeida, A.M.; Freire, J.P.B. Nutritional value of *Nannochloropsis oceanica* for weaner piglets. *Animals* **2024**, *14*, 3575. <https://doi.org/10.3390/ani14243575>.
- Chaves, A.A.M.; Martins, C.F.; Ribeiro, D.M.; Maia, M.R.G.; Fonseca, A.J.M.; Cabrita, A.R.J.; Alves, P.S.; Mourato, M.P.; Pinho, M.; Bessa, R.J.B.; Almeida, A.M.; Freire, J.P.B. Digestibility and nutritional value of microalga *Tetraselmis* sp. for weaner piglets. *Animals*, *15*, 967. <https://doi.org/10.3390/ani15070967>.

Agradecimentos

- Projeto “ALGAVALOR—Microalgas: produção integrada e valorização da biomassa e suas diversas aplicações” (POCI-01-0247-FEDER-035234); Lisboa-01-0247-FEDER-035234; ALG-01-0247-FEDER-035234.
- Bolsa FCT 2022.11759.BD.

UM MUNDO PARA
CUIDAR E
PROTEGER



www.zoopan.com



NOTÍCIAS



Cooperação Europeia

Paris recebe reunião anual do projeto europeu STEP UP com participação do FeedInov CoLAB



Entre 18 e 20 de fevereiro de 2026, Paris acolheu a Reunião Anual do Consórcio (ACM) do projeto europeu STEP UP, realizada nas instalações do INRAE – Institut national de recherche pour l’agriculture, l’alimentation et l’environnement. O encontro contou com a participação de Ana Sofia Santos

e Raquel Rodrigues, em representação do FeedInov.

Ao longo de três dias, os parceiros do consórcio analisaram o progresso dos diferentes Work Packages, incluindo gestão e harmonização de dados, desenvolvimento de indicadores, comunicação e análise de impacto. Foram debatidos avanços na criação de repositórios de dados e no desenvolvimento de dashboards para monitorização de desempenho.

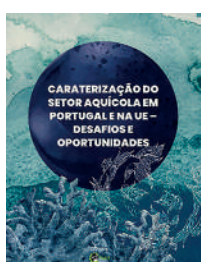
A agenda incluiu ainda sessões técnicas dedicadas a ferramentas de avaliação, nomeadamente:

- **STEP UP N-LCA**, centrada na avaliação do ciclo de vida e fluxos de azoto;
- **GAIA Tool**, orientada para a avaliação da sustentabilidade dos sistemas pecuários.

O projeto STEP UP, financiado pela União Europeia, visa apoiar a construção de cenários e instrumentos de análise para a sustentabilidade da pecuária europeia. A presença do Laboratório Colaborativo FeedInov integrou Portugal nos trabalhos técnicos e metodológicos desenvolvidos no âmbito deste consórcio.

Investigação & Inovação

Novo Manual Técnico de Aquicultura: roteiro estratégico para o setor em Portugal



Está em fase final de preparação um **Manual Técnico de Aquicultura**, um documento que atualiza a caracterização do setor em Portugal e na União Europeia, num contexto marcado pela pressão sobre os recursos marinhos, pelas metas ambientais europeias e pela necessidade de reforçar a produção nacional.

Para aprimorar esta frase, o ideal é focar na **fluidez**, no **impacto** e na **precisão terminológica**, dependendo do tom que pretende (mais institucional, mais dinâmico ou mais técnico).

“O manual ‘**Caracterização do setor aquícola em Portugal e na UE – Desafios e Oportunidades**’, desenvolvido pelo FeedInov CoLAB, consolida dados recentes sobre a evolução da produção nacional, as espécies de maior relevo económico e o quadro regulamentar em vigor.

A publicação integra ainda uma análise do posicionamento de Portugal no espaço europeu, identificando constrangimentos estruturais e oportunidades de crescimento.

O documento enquadra ainda os objetivos do Pacto Ecológico Europeu e da Estratégia “Do Prado ao Prato”, abordando temas como sustentabilidade ambiental, eficiência produtiva e inovação tecnológica. O enfoque incide na disponibilização de informação técnica sistematizada que apoie decisões empresariais, políticas e científicas.

Dirigido a produtores, técnicos, decisores e investigadores, o Manual Técnico de Aquicultura pretende contribuir para uma aquicultura mais competitiva, resiliente e alinhada com as prioridades da Bioeconomia Azul.

O lançamento será anunciado brevemente.

Saúde e Bem-Estar Equino: Projeto EUnetHorse Impulsiona Boas Práticas e Inovação no Terreno

Sob a coordenação do FeedInov, a Coudelaria da Companhia das Lezírias, em Santarém, recebeu Formação e Demonstração dedicado à saúde e bem-estar equino.

No passado dia 20 de janeiro, o setor equino nacional participou numa jornada técnica intensiva no âmbito do projeto europeu **EUnetHorse**. A iniciativa focou-se na implementação de boas práticas de saúde e biossegurança, essenciais para reforçar a resiliência de explorações e centros equestres.

O evento contou com a presença de criadores, técnicos e especialistas, criando um espaço de partilha de conhecimento e demonstrações práticas no terreno. A **Companhia das Lezírias**, local onde decorreu a iniciativa, foi elogiada pela excelente receção e colaboração, permitindo aplicar conceitos teóricos diretamente em contexto real de coudelaria.

Foco na Prevenção e Mitigação de Riscos

A agenda priorizou a prevenção de riscos sanitários, abordando temas críticos para a biossegurança através de especialistas da área, nomeadamente Telmo Nunes, Rute Serrano, Suzana Wanderley e Maria João Fradinho. Os principais temas debatidos incluíram:

- **Quarentena e monitorização** de animais recém-chegados;
- **Controlo do mosquito (vetor)** e respetivas medidas de mitigação;
- **Vacinação e prevenção** da Febre do Nilo Ocidental;
- **Avaliação da condição corporal** em éguas;
- **Plataforma EquiSecure** e os seus desafios de implementação.

Global intelligence, localised. Result,

SERIOUS PROCESSING POWER

In your quest for profitable, sustainable production draw on our global resources and leading-edge science. They provide you with relevant insights to help you make complex decisions with confidence. We're just a phone call or an email away.

Para mais informações entre em contato com seu representante AB Vista, Antonio Pratas, Antonio.pratas@winfarm.pt



The most important additive is intelligence



Inovação e Ferramentas Práticas

Durante a formação, os participantes conheceram quatro soluções inovadoras na área da saúde e biossegurança. Um dos destaques foi a apresentação da plataforma **EquiSecure**, que gerou um debate produtivo sobre os desafios da implementação tecnológica e a gestão eficiente de dados sanitários no dia-a-dia das explorações. As sessões da tarde incluíram demonstrações práticas de avaliação de condição corporal e técnicas de limitação de vetores.

Este evento marcou o início de uma série de iniciativas que visam promover a inovação e a saúde animal, com o apoio da **Rede Nacional PAC**. O sucesso desta primeira jornada reforçou a importância da cooperação entre entidades de investigação, como o **CoLAB**, e os agentes do terreno, garantindo um futuro mais sustentável para o setor equino em Portugal.



Santarém no Centro da Discussão Europeia sobre Fitofármacos Veterinários

Em dezembro de 2025, Portugal assumiu um papel estratégico na investigação veterinária europeia com a realização do curso internacional **MedPlants4Vet**, organizado pelo **FeedInov CoLAB**. O evento reuniu especialistas e jovens investigadores de 15 nacionalidades.

O curso transformou Santarém num ponto de encontro de referência, promovendo o diálogo sobre o futuro da fitoterapia veterinária e consolidando Portugal como anfitrião estratégico para a partilha de conhecimento técnico e científico no setor. O objetivo central passou por debater a harmonização regulatória de medicamentos à base de plantas na União Europeia.

Evolução e Enquadramento Legal

A jornada inaugural foi dedicada à contextualização histórica e à análise da evolução recente dos fitoterápicos veterinários. Os participantes exploraram as normas europeias aplicáveis aos medicamentos à base de plantas e compararam-nas com o quadro legal da fitoterapia humana. Esta base teórica permitiu preparar a análise de casos reais recolhidos junto de veterinários, produtores, agricultores e farmacêuticos, abordando os seus dilemas práticos e o enquadramento jurídico correspondente.

Perspetivas Globais e Regulação Nacional

No segundo dia, a formação aprofundou-se com contributos nacionais e internacionais de relevo:

- **Perspetiva nacional:** A **DGAV** (Direção-Geral de Alimentação e Veterinária) apresentou o enquadramento regulatório português, detalhando normas e requisitos aplicáveis aos fitofármacos.
- **Visão global:** Uma especialista da **África do Sul**, através de intervenção online, trouxe uma perspetiva internacional sobre o uso de plantas medicinais em veterinária, enriquecendo o debate com experiências fora do contexto europeu.

Segurança e Futuro do Setor

O programa incluiu a análise de casos práticos e a discussão sobre o registo e a segurança destes produtos inovadores. Os especialistas exploraram estratégias para garantir que a inovação na saúde animal caminha lado a lado com a conformidade legal e a proteção dos animais. Com esta iniciativa, o **FeedInov** e a rede **MedPlants4Vet** reforçaram a importância da partilha transfronteiriça de conhecimento, posicionando a fitoterapia veterinária como uma ferramenta inovadora, regulada e relevante para o futuro da produção animal e da saúde veterinária na Europa.



Ciência em Rede

FeedValue: Economia Circular e Coprodutos Transformam a Alimentação Animal em Portugal

O projeto **FeedValue** – Potencial de Utilização e Valorização de Coprodutos no fabrico de alimentos compostos para animais e na produção de fertilizantes orgânicos — culminou em dezembro

de 2025 com um seminário final, realizado na **Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)**, em Vila Real. A iniciativa reuniu investigadores, especialistas e parceiros de um ecossistema colaborativo focado na inovação sustentável na agropecuária e alimentação animal.

O evento marcou o encerramento de um ciclo de trabalho dedicado a explorar o potencial de coprodutos agroindustriais para serem integrados de forma eficiente na produção de rações animais ou utilizados como fertilizantes orgânicos. A abordagem procura transformar o que antes era considerado desperdício em soluções de elevado valor, alinhadas com os princípios da **economia circular** e da **redução da pegada ambiental**.

Resultados em Destaque

Durante o seminário, foram apresentados os principais avanços do projeto FeedValue:

- Mapeamento de coprodutos;
- Avaliação do ciclo de vida dos alimentos;
- Estudo de substâncias potencialmente mitigadoras de emissões de GEE;

- Impacto da incorporação de coprodutos em dietas de ovinos nas emissões de GEE;
- Utilização de coprodutos como fertilizantes orgânicos.

O programa incluiu ainda visitas técnicas, oferecendo aos participantes uma visão prática da aplicação destas soluções em contexto real.

Parcerias e Sustentabilidade

O FeedInov foi um dos parceiros ativos no seminário, reforçando a importância de uma colaboração entre universidades, entidades de investigação e indústria para desenvolver soluções inovadoras e sustentáveis. A participação no seminário final evidenciou como modelos de negócio baseados em coprodutos podem aumentar o valor económico, reduzir dependência de recursos externos e contribuir para a diminuição das emissões de carbono na pecuária.

O projeto, cofinanciado pelo **Plano de Recuperação e Resiliência (PRR)**, envolveu diversas instituições científicas e empresariais, com liderança da UTAD e participação de entidades como a Universidade de Aveiro, o Instituto Politécnico de Viseu, a IACA – Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais – e empresas especializadas em tecnologia alimentar e fertilizantes.

"A melhor maneira de prever o futuro é criá-lo" – Peter Drucker



WINFARM

ADDING VALUE

ADITIVOS QUE ADICIONAM VALOR AO SEU NEGÓCIO!



Tlm.: +351 913 317 235
antonio.pratas@winfarm.pt
www.winfarm.pt

Rua das Begónias N.º1
Herdade da Arocira
2820-534 Charneca da Caparica

Perspetivas para o Futuro

O seminário final não marcou apenas o encerramento do projeto FeedValue, mas também o início de uma nova fase de integração de práticas sustentáveis na produção animal e na fertilização agrícola em Portugal. A partilha de conhecimento técnico e experiência prática demonstra que a inovação, aliada à colaboração entre academia e indústria, é essencial para uma cadeia agroalimentar mais eficiente, resiliente e ambientalmente responsável.



Saber Mais

O **FeedInov**, em parceria com a **CEVA Ruminants**, tem contribuído para a partilha de conhecimento técnico e estratégias de gestão na pecuária. Os mais recentes artigos publicados no **Ruminants Blog** abordaram temas essenciais para a produção animal, desde a saúde de vitelos à gestão reprodutiva e à análise de mercados globais.

Principais destaques:

- **Calf Care: Prevention of failure of transfer of passive immunity and 3 other major health threats** (12 fev 2026) – orientações sobre saúde de vitelos e prevenção de problemas imunológicos. Leia o artigo em <https://ruminants.ceva.pro/calf-care>
- **Cattle Breeding Calendar for Efficient Herd Management** (09 fev 2026) – estratégias para otimizar a reprodução e o planeamento de partos. Leia o artigo em <https://ruminants.ceva.pro/cattle-breeding-calendar>
- **Top 10 countries shaping the global dairy industry** (29 jan 2026) – análise do posicionamento de países na indústria de leite. Leia o artigo em <https://ruminants.ceva.pro/dairy-industry>
- **Global dairy production: Top 10 largest dairy farms in the world** (21 jan 2026) – panorama das maiores explorações leiteiras a nível global. Leia o artigo em <https://ruminants.ceva.pro/global-dairy-production>
- **Top 10 Beef Breeds Worldwide** (15 jan 2026) – principais raças bovinas de carne e suas características relevantes. Leia o artigo em <https://ruminants.ceva.pro/top-10-beef-breeds-worldwide>

Todos estes artigos são acessíveis diretamente no *Ruminants Blog*, podendo ser encontrados também navegando pela categoria correspondente no site: <https://ruminants.ceva.pro/>

Esta seleção destaca o contributo do FeedInov CoLAB na investigação e na aplicação prática de estratégias de gestão animal, reforçando o acesso a informação técnica relevante para produtores e profissionais do setor.



Iniciativas em Agenda

Formação Avançada em Processos Produtivos para a Indústria de Alimentos Compostos para Animais



O ICBAS – Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar promove a unidade de formação contínua "**Processos produtivos na indústria de alimentos compostos para animais**", realizada em parceria com o FeedInov CoLab e a IACA.

Destinada a profissionais do setor, jovens licenciados e mestres, assim como técnicos em situação de desemprego, a formação pretende capacitar os participantes face às exigências técnicas e regulatórias da indústria, aliando rigor científico, conhecimento aplicado e contexto industrial. O curso decorreu entre **23 de fevereiro e 25 de março de 2026**, com 28 horas de contacto, certificação académica e atribuição de 3 ECTS, garantindo uma experiência prática e ajustada às necessidades reais da indústria.

Bastidores do projeto informativo "O Que Nos Alimenta"

Nas mais recentes filmagens do projeto televisivo "*O Que Nos Alimenta*", com produção e coordenação editorial do FeedInov, foram captados novos conteúdos que reforçam a ligação entre ciência e sociedade. As gravações contaram com a participação da Ordem dos Nutricionistas, com a Bastonária Dra. Liliana Sousa, e da Liga Portuguesa Contra o Cancro – Núcleo Regional Norte, com a nutricionista Dra. Bruna Rosa.

"*O Que Nos Alimenta*" assume como missão explicar o setor e a alimentação animal com base em evidência científica, clareza e proximidade, contribuindo para uma informação rigorosa e acessível ao público. O resultado será apresentado em breve.



VOCÊ TEM A AMBIÇÃO DE CRESCER

NÓS TEMOS OS RECURSOS
PARA O APOIAR

Estamos aqui para o ajudar a concretizar a ambição de crescer.

Temos um conhecimento profundo de nutrição e produção animal, sustentado em 100 anos de experiência, na presença em 75 países e numa forte aposta em Investigação.

Como seu parceiro de negócio, queremos ser a força motriz do seu crescimento, através das melhores soluções nutricionais e mais sustentáveis práticas de manejo.

Desta forma, cumprimos a nossa missão de alimentarmos animais saudáveis com responsabilidade.

De Heus, ao serviço da nutrição dos seus animais.



de heus[®]

powering progress

COMPROMISSO COM AS PESSOAS, COM O SETOR E COM O FUTURO



Pedro Torres,
Diretor-Geral De Heus
Nutrição Animal SA

Assumi no passado dia 1 de Janeiro as funções de Diretor-Geral da De Heus Nutrição Animal em Portugal. Faço-o com um enorme sentido de responsabilidade e profundo respeito por todos aqueles que constroem diariamente o setor agropecuário e a indústria de alimentação animal. Desde que iniciei o meu percurso nesta empresa, em 2006, primeiro como Assistente Técnico e Gestor de Produto na área de vacas de leite, passando depois pela Direção de Vendas e mais tarde pela Direção de Marketing e Estratégia Ibérica, tive a oportunidade de conhecer por dentro a força, a resiliência e a dedicação desta empresa, mas também deste setor. A minha formação como engenheiro zootécnico na UTAD e os anos que vivi como voluntário na Cruz Vermelha Portuguesa moldaram em mim a convicção de que a utilidade das empresas – e a utilidade das pessoas – se mede pelo impacto que geram nos outros. É com esse espírito que abraço esta nova etapa.

A De Heus, empresa centenária e agora global, presente em mais de 20 países e ativa em mais de 75 mercados, tem vindo a trabalhar com um compromisso claro: nutrir gerações futuras. O nosso programa "Responsible Feeding" é mais do que um slogan; é uma estratégia abrangente que procura melhorar a eficiência da conversão alimentar, reduzir o impacto ambiental, promover o bem-estar animal e criar valor social nas comunidades onde operamos. Acreditamos que sustentabilidade não é apenas um objetivo moral – é a base da competitividade futura e da responsabilidade que temos enquanto parte essencial das cadeias alimentares. Em Portugal, esta visão global cruza-se com o nosso compromisso local: servir os nossos parceiros com rigor, transparência, inovação e proximidade, sempre com uma profunda consciência do impacto que geramos na pecuária portuguesa.

Os acontecimentos que se seguiram à tempestade Kristin foram um lembrete claro de que nenhum de nós está sozinho. As consequências devastadoras que atingiram a região de Leiria – afetando explorações agrícolas, unidades industriais e famílias que dependem da produção animal – mostraram-nos a necessidade e o valor da união. O setor respondeu de forma exemplar. Empresas que competem diariamente trabalharam lado a lado. Técnicos, trabalhadores e gestores estiveram no terreno sem

hesitar. As estruturas associativas mobilizaram-se com rapidez e pragmatismo. Entre elas, a IACA desempenhou um papel determinante, assegurando comunicação, articulação e apoio institucional num momento crítico. Quero sublinhar publicamente o extraordinário trabalho realizado pela IACA: a sua capacidade de unir, representar e orientar o setor foi decisiva para mitigar danos e antecipar soluções. A De Heus fez o que lhe competia – e continuará a fazê-lo sempre que necessário.

É precisamente por reconhecer esta importância que assumo, enquanto Diretor-Geral da De Heus, um compromisso total com a colaboração setorial. A IACA tem sido, ao longo dos anos, um pilar de estabilidade, conhecimento e representação, e queremos reforçar o nosso envolvimento com a associação e com todos os seus associados. Estaremos sempre disponíveis para participar, contribuir e trabalhar em conjunto nas múltiplas batalhas que se avizinhm – sejam elas técnicas, legislativas, ambientais ou sociais. O futuro será tanto mais sustentável quanto mais coesa for a atuação das empresas que compõem o setor, e a De Heus quer ser parte ativa dessa construção.

No plano interno, continuaremos a evoluir. A estratégia que agora impulsionamos assenta numa gestão centrada nas pessoas e numa estratégia centrada no cliente. Para nós, colocar as pessoas no centro não é um chavão: é um dever. Significa reforçar a segurança, promover a comunicação, investir na formação contínua e criar ambientes de trabalho mais saudáveis, colaborativos e motivadores. Acreditamos que equipas realizadas são equipas eficientes – e equipas eficientes geram melhores soluções, melhores serviços, melhor apoio técnico, melhor logística e maior capacidade de inovação.

Da mesma forma, colocar o cliente no centro significa olhar para as necessidades reais do setor e responder com rigor, simplicidade e velocidade. A digitalização dos processos, a utilização inteligente de dados, o reforço do serviço de atendimento, o apoio técnico especializado e a profissionalização das interações são caminhos que estamos a aprofundar para construir uma proposta de valor mais moderna, mais diferenciada e mais útil. Mas, acima de tudo, acreditamos que a nossa verdadeira contribuição



surge quando conseguimos simplificar a vida de quem produz, quando reduzimos complexidades, quando ajudamos a tornar as operações mais eficientes e quando estamos ao lado dos parceiros nos momentos difíceis.

A sustentabilidade terá, inevitavelmente, um papel cada vez mais relevante em tudo o que fazemos. Não apenas porque é exigida pelos consumidores, pelos reguladores ou pelas cadeias de distribuição, mas porque sabemos que é a única via possível para garantir o futuro do setor. Na De Heus estamos a trabalhar, a nível global e local, para reduzir emissões, melhorar a eficiência energética, reforçar a rastreabilidade, apoiar práticas agrícolas responsáveis, otimizar a utilização de matérias-primas e promover sistemas produtivos mais resilientes. Este caminho exige esforço,

investimento e visão – mas é um caminho que estamos determinados a percorrer e que queremos percorrer com todos.

O setor agropecuário português enfrenta desafios significativos, mas acredito profundamente no seu futuro. Temos conhecimento técnico, capacidade de adaptação, espírito de missão e uma cadeia de empresas e profissionais que todos os dias demonstram o seu valor. Se mantivermos esta união, esta capacidade de entreaajuda e esta visão coletiva, estaremos não apenas preparados para enfrentar as adversidades, mas também para construir um futuro mais próspero, mais sustentável e mais respeitado pela sociedade.

Enquanto Diretor-Geral da De Heus Portugal, reafirmo a minha total disponibilidade e

compromisso para trabalhar lado a lado com a IACA, com todas as empresas do setor e com todas as entidades que partilham o objetivo de garantir um futuro melhor. Estaremos sempre presentes, sempre envolvidos e sempre ao serviço do progresso conjunto. Porque acredito verdadeiramente que só juntos construiremos o setor que Portugal merece – e porque, na De Heus, contamos com todos, porque todos contamos.

SINTOQUIMICA-PRODUTOS QUÍMICOS, Lda



Princípios ativos e matérias-primas para os sectores farmacêutico, veterinário e alimentação humana.



A origem e qualidade dos nossos produtos representam total segurança e tranquilidade para quem os utiliza.



A NOSSA REALIZAÇÃO É A SUA SATISFAÇÃO



SECÇÃO DE PRÉ-MISTURAS E ADITIVOS



VISÃO GERAL DAS NOTIFICAÇÕES AO SISTEMA DE ALERTA RÁPIDO PARA ALIMENTOS E RAÇÕES EM 2025

Como todos os anos, a FEFAC publica uma síntese das notificações relacionadas com a segurança dos alimentos para animais ao Sistema de Alerta Rápido para Alimentos e Alimentos para Animais (RASFF). As principais conclusões foram as seguintes:

- Em 2025, foram emitidas 153 notificações relacionadas com alimentos para animais de criação. Este número representa uma diminuição de 25% em relação a 2024 e de 10% em relação à média do período 2020-2024. A diminuição em relação a 2024 deve-se principalmente a uma redução acentuada das notificações relativas às importações provenientes da Ucrânia, da Rússia e da Bielorrússia, a maioria das quais provenientes da Letónia e da Polónia e relacionadas com a presença de bolor.
- O número total de notificações, incluindo alimentos para animais de estimação, é de 237, das quais 46 desencadearam alertas, enquanto 167 deram origem a informações e 24 a rejeições nas fronteiras. 7 notificações foram retiradas.
- 51% das notificações relativas a animais destinados à produção de alimentos estavam relacionadas com a contaminação por Salmonella (78 em 153). Este é um número bastante estável de notificações nos últimos 5 anos, mas 30% inferior ao período pré-covid de 2018-2019.
- A principal evolução em relação a 2024 é o aumento do número de notificações

relativas a aflatoxinas (12 contra 5), a maioria relacionadas com milho e produtos de milho produzidos na UE, bem como 3 relacionadas com alimentos compostos para animais.

- O número de notificações relativas ao incumprimento dos limites máximos de resíduos (LMR) para pesticidas e biocidas aumentou drasticamente nos últimos quatro anos, tornando-se o segundo motivo mais importante para notificações RASFF relativas a alimentos para animais, com 19 notificações em 2025 contra 4 em 2019. Isto diz

respeito, em particular, a substâncias que já não são autorizadas na UE, como o clorpirifós (3 notificações).

- 68% das notificações relativas a alimentos para animais e alimentos para animais de companhia dizem respeito a produtos originários da UE. Mais de metade das notificações foram feitas por três países (Bélgica, Alemanha e Países Baixos).
- 88% das notificações diziam respeito a ingredientes para alimentos para animais, dos quais 85% a matérias-primas para alimentos para animais e 3% a

aditivos/pré-misturas para alimentos para animais.

- A maioria das notificações relativas a alimentos para animais de criação presentes no mercado da UE resulta de autocontrolo realizado pelos operadores.

A SUA **EXPLORAÇÃO**
merece o máximo *valor*
e a maior *segurança*



PORQUÊ CONFIAR NAS SOLUÇÕES VALOR SEGURO DA NANTA?

A Nanta apresenta o **Valor Seguro**: as nossas melhores soluções para a exploração pecuária, integradas e concebidas para oferecer segurança, confiança e resultados consistentes. Combinamos a **qualidade dos alimentos Nanta** com a tecnologia avançada de **produtos baseados em aditivos** e com um elevado conhecimento técnico no terreno, para proporcionar a melhor nutrição animal.



Qualidade garantida:
robustez e fiabilidade das soluções Nanta



Inovação aplicada:
incorporação das tecnologias avançadas



Tranquilidade produtiva:
soluções que previnem problemas antes de surgirem



Rendimento sem surpresas: animais com mais bem-estar, melhor saúde intestinal e maior eficiência



Acompanhamento especializado:
aconselhamento técnico com uma proposta 360°



O valor de uma nutrição segura

+info



WORKSHOP RE-FEED & LIVINGLAB: INOVAÇÃO NA VALORIZAÇÃO DE EFLUENTES AO SERVIÇO DO SETOR PECUÁRIO

O Pólo de Inovação da Fonte Boa (INIIV), em Vale de Santarém, acolheu no dia **13 de novembro de 2025** o Workshop conjunto **RE-FEED & LivingLAB**, dedicado à transição energética e à valorização de efluentes e coprodutos agropecuários — temas cada vez mais relevantes para a sustentabilidade da produção animal. A sessão de abertura contou com representantes do INIIV, do ISA, da Câmara

Municipal de Santarém, que sublinharam a necessidade de soluções tecnológicas que reforcem a competitividade do setor, reduzam custos energéticos e promovam práticas circulares.

O **Projeto RE-FEED** apresentou desenvolvimentos na integração de energia solar e biogás na suinicultura e agroindústria, bem como medidas de eficiência energética e

estratégias de criação de valor a partir de resíduos. Seguiu-se uma mesa-redonda com produtores, operadores energéticos e entidades públicas dedicada à bioenergia e circularidade na fileira pecuária.

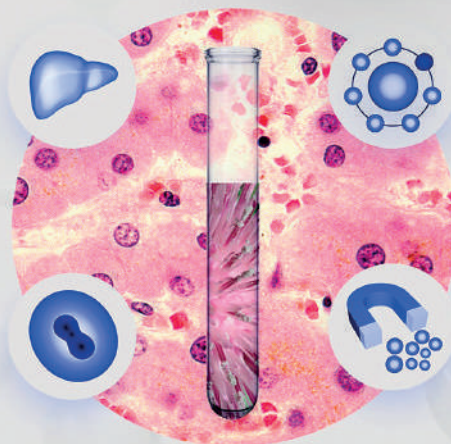
Durante a tarde, o destaque foi para o **LivingLAB**, com a apresentação de soluções de valorização de efluentes — compostagem, biochar, fertilizantes orgânicos e novos bioprodutos resultantes de biorrefinarias. Os utilizadores presentes evidenciaram a importância de tecnologias fiáveis, economicamente sustentáveis e alinhadas com as exigências regulamentares em matéria de gestão de nutrientes.

O evento encerrou com o compromisso dos projetos RE-FEED e LivingLAB em continuar a apoiar o setor agropecuário, promovendo modelos de produção mais eficientes, circulares e compatíveis com as metas ambientais nacionais e europeias.



Hepatoproteção holística para galinhas poedeiras




- Preservação da glutatona hepática
- Neutraliza radicais livres a nível metabólico
- Regenera o tecido danificado
- Elimina toxinas hepáticas a nível digestivo

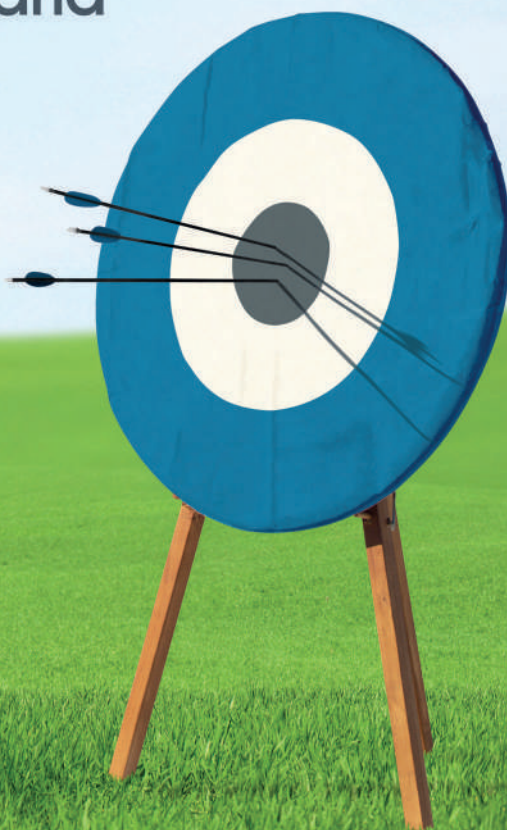


Brandsweet
Aditivos Alimentares, Lda

T. (+351) 212 148 470 - geral@brandsweet.pt



-  **Formulação de Precisão com redução da Pegada de Carbono**
-  **Produção Sustentável sem recurso a Antibióticos**
-  **Serviços Laboratorial e Assistência Veterinária**



Workshop RE-FEED & LivingLAB

Local: Quinta da Fonte Boa

Data: 13 de novembro de 2025

Duração: 09h30 – 16h30

09h30 – 10h00 | Receção dos participantes

10h00 – 10h30 | Sessão de Abertura

- Presidente do Conselho Diretivo do INIAV – *Nuno Canada*
- Presidente do ISA – *António Brito*
- Presidente da Câmara Municipal de Santarém – *João Leite*

10h30 – 11h30 | Sessão 1 – Projeto RE-FEED: Transição Energética na Suinicultura e Agroindústria

- 10h30 – Visão geral do REFEED: descarbonização e valorização de resíduos (*Rita Fragoso, ISA*)
- 10h45 – Auditoria Energética e medidas de uso eficiente (*André Henriques, Engenatura*)
- 11h00 – Produção descentralizada de energia renovável:
 - Enquadramento (*Mónica Gouveia, Suinizado*)
 - Piloto de Demonstração (*Paulo Brito, IPP*)
- 11h15 – Criação de valor acrescentado a partir de co-produtos/serviços (*Miguel Nogueira, ISA*)

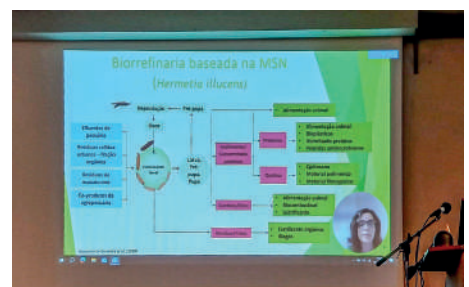
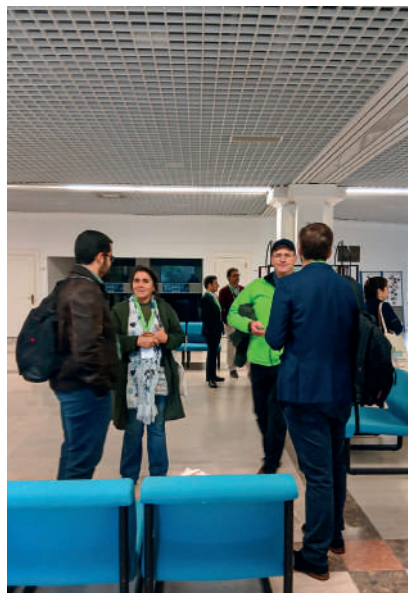
11h30 – 11h45 | Coffee Break & Networking

11h45 – 13h00 | Mesa Redonda 1 – Bioenergia e Circularidade no Setor Agropecuário

Moderador: *João Bastos (FPAS)*

- Uziel Carvalho (Uziel Carvalho Lda.)
- Helena Soares (CapWatt)
- Ana Cristina Carrola (APA)
- Pedro Borges (DGADR)

13h00 – 14h00 | Almoço





AO SERVIÇO DA
**NUTRIÇÃO
ANIMAL**

A circular white area containing a black QR code.

FICHA TÉCNICA

ALIMENTAÇÃO ANIMAL

Revista da Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais – IACA
NIPC- 500835411

TRIMESTRAL - ANO XXXVII Nº 135

Janeiro / Fevereiro / Março 2026

DIRETOR

José Romão Braz

CONSELHO EDITORIAL E TÉCNICO

Ana Monteiro
Jaime Piçarra
Pedro Folque
Manuel Chaveiro Soares
Rui Gabriel

COORDENAÇÃO

Jaime Piçarra
Amália Silva
Serviços IACA

ADMINISTRAÇÃO, SEDE DE REDAÇÃO E PUBLICIDADE

(incluindo receção de publicidade, assinaturas, textos e fotos)
IACA - Rua João da Silva, nº 12, Cave-D
1900-271 Lisboa
TEL. 21 351 17 70 (Chamada para a rede fixa nacional)

EMAIL

iaca@iaca.pt
iaca.revista@iaca.pt

SITE

www.iaca.pt

EDITOR

Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais – IACA

EXECUÇÃO DA CAPA

Sara Gonçalves

EXECUÇÃO GRÁFICA

Sersilito - Empresa Gráfica, Lda.
Travessa Sá e Melo, 209
4471-909 Gueifães - Maia

PROPRIETÁRIO

Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais - IACA
Rua João da Silva, nº 12, Cave-D
1900-271 Lisboa

DEPÓSITO LEGAL

Nº 26599/89

REGISTO

EXCLUÍDA DE REGISTO NOS TERMOS DO DISPOSTO NA ALÍNEA A) DO N.º 1 DO ART.º 12.º DO DECRETO REGULAMENTAR N.º 8/99, DE 9 DE JUNHO, REPUBLICADO PELO DECRETO REGULAMENTAR N.º 2/2009, DE 27 DE JANEIRO

AGENDA DE REUNIÕES DA IACA

Data	JANEIRO
08	• Comité de Inovação do Prémio Nacional de Agricultura BPI/COFINA, Lisboa
14	• Reunião de Direção da FIPA (híbrida)
16	• Reunião com GPP sobre "Existências de stocks", Lisboa • Reunião da Comissão Executiva da IACA
26	• Reunião sobre a XXVII Feira Nacional do Porco (online)
29	• Reunião com a DGAV e Calseg sobre o QUALIACA (online)
30	• Conferência sobre a PAC pós-2027 no GPP, Lisboa
Data	FEVEREIRO
02	• Reunião Task Force "Pesticides" da FEFAC (online) • Grupo de Diálogo Civil sobre a PAC, Bruxelas
03	• Reuniões no Parlamento Europeu e na REPER, Bruxelas
04	• Plenário da Suinicultura sobre os impactos da tempestade "Kristin", com Ministro da Agricultura, Chãs, Leiria
05	• Reunião de Direção da IACA (híbrida) • Reunião com CONSULAI (online)
09	• Fórum das Associações da FIPA (online)
11	• Reunião de Direção do FeedInov, IACA
12	• XVI Congresso do Milho '26, CNEMA
13	• Reunião de Direção da SPMA (híbrida)
16	• Reunião com Rações Selecção, Leiria
17	• Colégio dos Diretores-Gerais da FEFAC (híbrida)
19	• Reunião Task Force "Review 1831" da FEFAC (online)
20	• Reunião das Associações com a SIGERU (VALORFITO, online)
23	• Reunião com DGAV (Divisão Alimentação Animal, online)
24	• Comité "Alimentos Compostos" da FEFAC (online)
Data	MARÇO
03	• Reunião do Comité da FEFAC de Pré-Misturas e Minerais, Bruxelas • Reunião com Ministro da Agricultura sobre o PTRR, Lisboa
04	• Reunião do Comité da FEFAC de Nutrição Animal, Bruxelas
05	• Reunião da Comissão Organizadora da Feira Nacional do Porco (online) • Reunião da FILPORC com a Estrutura de Missão da Região Centro, Leiria
10	• Reunião da FEFAC sobre Riscos na Cadeia Alimentar, na sequência das consequências da guerra no Irão (online)
11	• Reunião de Direção da FIPA (híbrida) • Reunião de Direção do FeedInov (online)
12	• II Congresso CropLife Portugal "Mitos não Alimentam", IAPMEI
13 e 14	• XIII Jornadas Internacionais de Suinicultura, Vila Real (UTAD)
17	• Reunião Eixo InFeed (InsectERA), (online)
19	• Reunião de Direção da IACA (híbrida)
25	• Assembleia-Geral da FIPA (híbrida)
26	• Jornadas PAVO "Da reprodução à longevidade", 58º AGRO, Fórum Braga
27	• Plenário da SPMA, IACA, Lisboa
30	• Assembleia-Geral do CIB, IACA, Lisboa • Assembleia-Geral do FeedInov (online)
31	• Reunião da Comissão Organizadora da Feira Nacional do Porco (online)

De acordo com o RGPD, de 25/05/2018, a IACA reconhece e valoriza o direito à privacidade e proteção dos dados pessoais, pelo que conserva esses dados (nome e morada) exclusivamente para o envio da Revista "Alimentação Animal", que nunca serão transmitidos ou utilizados para outros fins.

A qualquer momento, poderá exercer o direito de retirar esse consentimento enviando-nos um e-mail para privacidade@iaca.pt

Elanco

Maxiban[®]

Elanco

Monteban[®]

Questão de peso

Conversão alimentar
otimizada graças à
proteção intestinal
que oferecem
Maxiban e **Monteban**.



Elanco



Maxiban, Monteban, Elanco e a barra diagonal
são marcas registadas da Elanco ou suas
filiais. © 2023 Elanco.
PM-PT-23-0031.



Aumenta a saúde hepática de suas galinhas

LYSOFORTE® EXTEND

Um poderoso potencializador da absorção de nutrientes que oferece mais do que só as lisolecitinas

KEMIN[®]
Compelled by Curiosity™

Para saber mais contacte com
o representante local da Kemin:

214 157 500
Campo Grande 35 8ºD
1700-087 Lisboa

kemin.com/lysoforte

